

CHAPADA DO APODI TERÁ A MAIOR USINA BRASILEIRA DE ENERGIA SOLAR

NOVO JORNAL

R\$ 2,00

Ano 5
1620
Natal-RN
Domingo
5 / Abril / 2015



NEY DOUGLAS / NJ

8. CIDADES

DA TERRA DO SOL PARA O DESERTO MAIS ÁRIDO E MAIS ALTO DO MUNDO

Procurador Jarsênio Alves conta sua aventura de mais de 9 mil quilômetros até o deserto de Atacama, no Chile: "É uma das aventuras mais sonhadas de todos os motociclistas".

9 E 10. CIDADES

► Tenente Rafael do Nascimento, desarmador de bombas: "aquilo (filme "Guerra ao terror") é a forma como não se deve trabalhar"



FRANKIE MARCONE / NJ

3 E 5. POLÍTICA

RN VAI PERDER R\$ 100 MILHÕES EM ROYALTIES

/ PETRÓLEO / CRISE NO SETOR DEVE GERAR PERDA DE R\$ 100 MILHÕES PARA O RIO GRANDE DO NORTE E TAMBÉM AFETARÁ CIDADES PRODUTORAS. GOVERNADOR VAI PROCURAR A PETROBRAS

NA HORA DA BOMBA OU DO TIRO PRECISO, SÃO ELES QUE A POLÍCIA CHAMA

NOVO JORNAL entrevista os responsáveis pelos esquadrões anti-bomba e o de atiradores de elite da Polícia Militar norte-rio-grandense, militares altamente treinados que revelam os detalhes de uma rotina pouco conhecida. E explicam: vestir a roupa especial ou atirar são os últimos recursos usados em situações nas quais suas presenças são necessárias.

12 E 13. CIDADES

NATAL NÃO CUIDA BEM DO RIO QUE LHE ABASTECE



FRANKIE MARCONE / NJ

► Rio Pitimbu, que abastece 30% da população de Natal, possui 41 pontos de degradação, incluindo lançamento de esgotos e animais mortos. Nada está sendo feito para mudar isso

14. ESPORTES



FRANKIE MARCONE / NJ

O ESPORTE CUJO CIRCUITO PREMIA COM R\$ 1,2 MILHÃO

Circuito de vaquejada promovido pela Associação de Quarto de Milha do RN é o que possui a maior premiação no estado, R\$ 1,2 milhão. Valeu o boi...

2. GERAL

NÚMERO DE MORTES NAS ESTRADAS EM 2015 JÁ SUPERA A PÁSCOA DE 2014

7. ECONOMIA

EDUKAR APOSTA NA FORMAÇÃO DE UNIVERSITÁRIOS

Empresa fundada por economista investe na formação de estudantes de baixa renda e já conseguiu com "ânjos investidores" R\$ 1,3 milhão.

11. CULTURA

OITICICA, MUSA DO MAGO, RAÍZES POTIGUARES

A artista plástica Christina Oiticica é casada com Paulo Coelho e sonha expor em Natal, terra de seus pais, avós e bisavós.

WWW.IVANCABRAL.COM





Editor
Everton Dantas

E-mail
evertondantas@novojournal.br

Fones
84 3342.0358 / 3342.0350

CRISE PETROLÍFERA GERA PERDA DE R\$ 100 MI AO RN

/ FINANÇAS / RIO GRANDE DO NORTE TENDE A PERDER R\$ 100 MILHÕES EM ROYALTIES DEVIDO À CRISE INTERNACIONAL E À ALTA DO DÓLAR. GOVERNADOR QUER REUNIÃO COM NOVO PRESIDENTE DA PETROBRAS PARA DISCUTIR COMPENSAÇÕES

JALMIR OLIVEIRA
DO NOVO JORNAL

O **EFEITO CASCATA** gerado pela crise do petróleo no mercado internacional e a alta do dólar causaram perdas expressivas na distribuição dos royalties em todo o Brasil. O Rio Grande do Norte já acusa os efeitos colaterais. Para 2015, o encolhimento das receitas vai ser de R\$ 100 milhões, segundo estimativas do Governo do Estado. No caso dos municípios, a crise é ainda mais grave. Somente a cidade de Mossoró deve perder 40% da arrecadação este ano.

Segundo previsões de instituições financeiras privadas, o pagamento de royalties do petróleo deve encolher entre R\$ 5 bilhões a R\$ 7 bilhões em 2015. No ano passado, a conta passou dos R\$ 18,53 bilhões, um recorde, mas que virou fogo de palha diante da crise instalada no setor de combustíveis. “Temos que ter um diálogo mais forte com a Petrobras. Não podemos perder tantos recursos”, disse esta semana o governador Robinson Faria (PSD). Ele pretende ainda este mês marcar uma audiência com o novo presidente da companhia, Aldemir Bendine, para discutir a brusca redução das receitas.

A diminuição dos royalties afeta diretamente a capacidade de investimento do Governo do Estado, segundo Robinson Faria. Isso se explica porque os recursos oriundos da produção de petróleo, através da lei federal 12.858/2013, só podem ser aplicados em educação e saúde. Desta forma, o governo se vê obrigado a reduzir gastos em outras áreas para utilizar nestas duas áreas prioritárias.

Desde que o repasse dos royalties passou a ser regulamentado, em 1999, o Rio Grande do Norte viu aumentar em 452% a arrecadação. Foram recebidos somente no ano passado R\$ 275,4 milhões. A previsão deste ano é de que sejam recebidos pouco mais R\$ 170 milhões. “É uma péssima notícia para o governo”, afirma Robinson.

Os royalties são uma compensação financeira gerada pela produção de petróleo e gás natural no território brasileiro. O dinheiro incide sobre o valor da produção do



► Em Mossoró a produção caiu 18% em apenas dois meses, de 4,02 mil metros cúbicos para 3,2 mil metros cúbicos

campo de produção e é recolhido mensalmente. A arrecadação é dividida ente a União, Estados e Municípios.

De acordo a Petrobras, os prejuízos nos royalties estão relacionados com o preço do petróleo que despensa desde abril do ano passado. Há exatos 365 dias, o valor do barril era de R\$ 105,62, mas diz 1º de abril o valor da commodity estava avaliado em R\$ 56,62. A média do valor do barril em 2015 é uma das menores dos últimos seis anos. Além disso, soma-se a forte alta do dólar, que está cotado em R\$ 3,13. A cotação da moeda americana é a mais alta desde 2004. A valorização do dólar causa uma redução no preço do petróleo.

Mergulhada em crise financeira e com a imagem arranhada diante de diversos escândalos de corrupção, a Petrobras reduziu trabalhos em diversos campos de

produção de todo Brasil, incluindo os do Rio Grande do Norte. Segundo dados obtidos com Agência Nacional de Petróleo (ANP), a exploração entrou em declínio a partir de outubro. A data marca a implosão do esquema de propinas e irregularidades em licitação descoberta com a Operação LavaJato. Foi descoberto um esquema de irregular para burlar licitações envolvendo empresas da construção civil e funcionários da Petrobras.

O campo terrestre do município de Alto do Rodrigues, que conseguiu retirar 20 mil metros cúbicos em outubro passado, terminou o ano com 17 mil metros cúbicos. Os valores de 2015 ainda não foram divulgados. Em Mossoró, outro polo produtivo, a encolhimento foi de 18% em apenas dois meses. A retirada de petróleo caiu de 4,02 mil m3 para 3,2 mil m3 de petróleo.

TEMOS QUE TER UM DIÁLOGO MAIS FORTE COM A PETROBRAS. NÃO PODEMOS PERDER TANTOS RECURSOS”

Robinson Faria
Governador

FÁBIO CORTEZ / NJ



PRESIDENTE DO SINDPETRO ACREDITA EM CRESCIMENTO AINDA ESTE ANO

Para o presidente dos sindicatos dos petroleiros do Rio Grande do Norte (Sindipetro), José Antônio de Araújo, a produção nos campos potiguares não foi afetada. Segundo ele, a queda na exploração é um reflexo da alta do dólar e da crise no mercado internacional. “Apesar das perdas nos royalties, a produção segue firme. A expectativa é de que teremos um crescimento este ano”, diz.

Ele detalha que a cidade Mossoró – com três sondas de exploração em funcionamento – vai iniciar a produção em outros três campos. A expectativa é de sejam abertos outros mil empregos. “Se por um lado temos uma perda, nós esperamos uma recuperação este ano”, avalia Araújo. Segundo o sindicalista, a principal razão para a crise na arrecadação dos royalties está na cotação do barril do petróleo, que segue ladeira abaixo desde o ano passado.



► José Antônio de Araújo, do Sindipetro, acredita que tudo vai melhorar

As principais razões são o aumento de produção, nas áreas de xisto dos Estados Unidos, e a recusa da Organização dos Países Exportadores de Petróleo (Opep), que congrega os maiores produtores,

em reduzir seu teto de exploração. Com isso, o preço segue a lei geral do mercado: maior oferta, menor preço. “A cotação é a mais baixa dos últimos anos. Não há muito a ser feito”, diz.

Arrecadação royalties do petróleo (em milhões)

2015

Janeiro
Rio Grande do Norte
R\$ 17.678.712,91
Mossoró
R\$ 2.338.659,35

Fevereiro
Rio Grande do Norte
R\$ 14.931.541,04
Mossoró
R\$ 2.002.413,32

2014

Janeiro
Rio Grande do Norte
R\$ 23.717.407,86
Mossoró
R\$ 3.327.118,24

Fevereiro
Rio Grande do Norte
R\$ 25.639.665,09
Mossoró
R\$ 3.474.691,41

Arrecadação anual

2014

Rio Grande do Norte
R\$ 275.422.152,26
Mossoró
R\$ 37.330.820,14

2013

Rio Grande do Norte
R\$ 269.486.767,75
Mossoró
R\$ 37.676.153,81

2012

Rio Grande do Norte
R\$ 248.237.261,59
Mossoró
R\$ 30.234.229,72

2011

Rio Grande do Norte
R\$ 275.422.152,26
Mossoró
R\$ 37.330.820,14

2010

Rio Grande do Norte
R\$ 205.981.126,30
Mossoró
R\$ 23.364.161,02

2009

Rio Grande do Norte
R\$ 158.933.650,24
Mossoró
R\$ 18.095.308,42

1999

Rio Grande do Norte
R\$ 140.128.954,63
Mossoró
R\$ 17.004.869,64

FONTE: ANP



► Produção de petróleo tem registrado queda desde outubro

CONTINUAÇÃO
DA PÁGINA 3 ▶

CRISE NO PETRÓLEO VAI PREJUDICAR O MOSSORÓ CIDADE JUNINA

A redução dos royalties é, hoje, o grande fantasma para diversos prefeitos do Rio Grande do Norte. A redução provoca um efeito cascata nas arrecadações municipais, e um dos maiores afetados é Mossoró, o segundo em população em todo o Estado. A crise vai afetar o tradicional "Mossoró Cidade Junina", que receberá 20% a menos de investimentos este ano, sendo que em 2014 a prefeitura investiu R\$ 3,96 milhões na festa.

A estimativa é de que Mossoró receba 40% a menos de royalties em 2015. Antes da crise, a previsão mais otimista era de uma arrecadação de R\$ 25 milhões, mas o ano deve fechar mesmo nos R\$ 15 milhões. A previsão para este ano é 60% menor que o recebido em todo o ano de 2014. No ano passado, a cidade mossoroense recebeu R\$ 37,3 milhões. "Não sei o que fazer. A perda de recursos é um grande baque à administração", relata Francisco José Júnior, prefeito de Mossoró, que também é o presidente da Federação dos Municípios do Rio Grande do Norte (Femurn).

Hoje, os royalties representam 40% das receitas da principal cidade da região oeste potiguar. O recurso tem importância semelhante ao Fundo de Participação dos Municípios (FPM). Em 2014, a cidade recebeu, em média, R\$ 2,5 milhões deste benefício, que é uma transferência pela União através arrecadação do Imposto de Renda (IR) e do Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI).



▶ Mossoró Cidade Junina, festival tradicional da cidade na época do São João, vai perder 20% dos recursos

Ainda com relação aos royalties, nos dois primeiros meses do ano, no último relatório da ANP, a cidade recebeu R\$ 2 milhões a menos que o mesmo período do ano passado. "Estamos enfrentando uma situação muito difícil", diz o prefeito. O repasse até agora foi de R\$ 4,3 milhões. O valor é o menor referente ao mês de fevereiro desde 2012, quando a arrecadação do bimestre de R\$ 3,3 milhões.

Em razão das perdas financeiras, o prefeito já assinou decreto na semana passada cortando em 20% todas as despesas muni-

cipais. Também foi cortada a concessão de horas extras, suspensão qualquer tipo aumento e revisão de salários e foi proibida ainda a realização de concursos públicos. O decreto também cria o Comitê de Controle e Redução dos Gastos Públicos, para delimitar novos cortes e avaliar os resultados no equilíbrio financeiro do município. "Estamos reagindo à crise. Esperamos conseguir superar a falta de recursos", reforça.

A medida da prefeitura também suspende contratos de prestação de serviços, de consulto-

ria, de locação e reformas de imóveis, de veículos, máquinas e equipamentos. O montante economizado não foi divulgado pela prefeitura.

O NOVO JORNAL tentou ouvir os prefeitos das cidades Areia Branca, Alto do Rodrigues, Macau e Guamaré, que estão entre os grandes arrecadadores dos royalties no Rio Grande do Norte, mas não houve nos contatos telefônicos. Segundo dados da Petrobras, além do Governo do Estado, outros 105 municípios potiguares recebem o benefício dos royalties.

FEMURN QUER MARCHA PARA PRESSIONAR O STF

O presidente da Femurn, o prefeito Francisco José Júnior, também pretende iniciar uma marcha com os prefeitos potiguares para pressionar o Supremo Tribunal Federal (STF) diante de uma possível mudança na lei de distribuição de royalties do petróleo. O projeto de lei define que a divisão dos recursos será paritária entre Estados e municípios. Retirando recursos dos produtores e aumento a parcela para aqueles que não têm campos exploratórios.

No entanto, um liminar da ministra Cármen Lúcia, de março de 2013, suspendeu esta mudança. De acordo com a lei, a União pode ter a fatia nos royalties reduzida de 30% para 20%. Os Estados produtores ficariam com 20%, o que antes era 26,25%. Já os municípios produtores passam de 20% para 17%. Os Estados não produtores, que atualmente recebem 7%, terão 20% e a participação dos municípios não produtores vai de 1,75% para 20%. Os municípios afetados pela exploração de petróleo sofrerão cortes de 8,75% para 3%.

Enquanto o STF não julga o mérito da questão, continua valendo a distribuição de acordo com a participação no trabalho exploratório. Ou seja, quem produz mais, ganha mais. A Femurn e o Governo do Estado são contrários à divisão paritária. "Vamos organizar

uma marcha dos prefeitos e protestar contra a divisão. Não podemos aceitar mais esta perda", diz Francisco José Júnior.

PERDAS

No início do ano, após investimentos mal sucedidos, processos judiciais e aos seguidos tropeços no mercado de ações, a Petrobras abriu processo de desinvestimento, com a venda de ativos. A empresa discute a usinas térmicas, distribuidores de gás e a participação de campos petrolíferos no exterior. A expectativa da companhia é garantir, até o fim do ano, um montante de R\$ 13 bilhões.

A venda dos ativos pode afetar diretamente o Rio Grande do Norte. Há a possibilidade de comercializar a usina termoeletrica de Termoçu, no município de Alto do Rodrigues, e a participação acionária na companhia Potigás. "Precisamos cobrar pelos nossos esforços. Não podemos ficar na mão. Vou cobrar mais explicações do presidente [da Petrobras]", diz o governador. As especulações sobre a venda dos ativos localizados em território potiguar ainda não foram confirmadas. De acordo com a própria Petrobras, o estudo sobre o desinvestimento não foi finalizado e ainda não se pode afirmar quais ativos serão postos à venda.

OMPETRO VAI CONTABILIZAR PREJUÍZOS EM DOCUMENTO

AGÊNCIA BRASIL

A Organização dos Municípios Produtores de Petróleo (Ompetro) vai elaborar um documento, para ser encaminhado ao governo federal, solicitando ajuda para manter a política de investimentos na região produtora do Rio de Janeiro. A mesma organização também pleiteia uma audiência com a presidente Dilma Rousseff para discutir as perdas que os municípios produtores tem registrado.

Segundo o secretário executivo da Ompetro, Marcelo Neves, a ajuda é necessária por causa da queda registrada nos últimos meses na receita dos municípios produtores. A Ompetro promoveu recentemente em Macaé, no norte fluminense, reunião para traçar uma estratégia comum de enfrentamento da queda nos royalties do petróleo e nos repasses federais e estaduais. Neves justificou o pedido de ajuda pelo fato de a região "ser altamente importante para o país". Ele disse que só a Bacia de Campos responde por cerca de 86% da produção nacional de petróleo e gás.

De acordo com o secretário

executivo, a organização quer dialogar com as empresas produtoras para tentar estabelecer um programa que possa parar com as demissões no setor, intensificadas nos últimos dias. Neves lembrou que o custo da produção é muito mais alto do que no Oriente Médio e que, se a cotação estiver abaixo ou próximo do custo de produção, acaba não sendo interessante para as companhias. "Muitas acabam diminuindo o ritmo". Dependendo dos estudos de viabilidade técnico-econômica das empresas, isso pode significar mais desemprego no setor no Rio de Janeiro, acrescentou.

A presidenta da Ompetro, Rosinha Garotinho, que é também prefeita de Campos dos Goytacazes, tem alertado os municípios produtores sobre a queda de receita. Isso tem levado a contenção de gastos e reprogramação dos orçamentos desde outubro do ano passado, quando o barril de petróleo caiu da cotação de US\$ 115, entre junho e agosto de 2014, para US\$ 70. Em dezembro recente, na reunião da Ompetro, Rosinha defendeu ajustes financeiros nos municípios para equilibrar as contas, disse Neves.



▶ Operação Lava Jato agravou a condição da Petrobras

IBP DEFENDE APRIMORAMENTO DA POLÍTICA PARA LEILÕES DE PETRÓLEO

A crise deflagrada pela Operação Lava Jato é oportunidade para o aprimoramento do modelo regulatório do setor de petróleo e gás, com ênfase no conteúdo local, disse João Carlos de Luca, que presidiu por 14 anos o Instituto Brasileiro do Petróleo (IBP). A crise torna oportuna e urgente uma revisão na política de conteúdo local, inclusive para atrair investimentos, disse Jorge Camargo. As principais linhas a serem trabalhadas são a simplificação e a desburocratização, além do foco em áreas da indústria em que há mais vantagens comparativas, indicou. Segundo Camargo, isso vai fazer diferença para a atratividade de futuras licitações.

A proposta do IBP é que a faixa de conteúdo local nas licitações não conte na pontuação para determinar o vencedor. "Você tem um plano de trabalho, tem um bônus e um percentual de conteúdo local que pode variar em uma faixa. Esses três fatores compõem o resultado de um bid [lance]. Para nós, esse é um fator que deve ser considerado, mas sem contar ponto. Seria uma coisa fixa", disse ele. Para Camargo, o instituto quer preservar a política de conteúdo local.

O novo ciclo exige nova maneira de ver os problemas. A crise, embora séria, não abalou os fundamentos da indústria de petróleo nacional, enfatizou Jorge Camargo. Entre eles, citou o potencial de crescimento, a capacidade de execução e um mercado de 200 milhões de pessoas. "Os fundamentos estão preservados", disse ele, e ressaltou que não se pode

perder a oportunidade que o pré-sal oferece.

De Luca destacou que os investimentos em exploração e produção até o ano passado alcançaram cerca de US\$ 38 bilhões, "e por mais que a indústria local tenha crescido e se expandido, ela não conseguiu atender a essa demanda tão grande". Ele disse que o problema é anterior à crise e foi agravado com a Operação Lava Jato.

Ele acredita que, somente com grande acordo entre governo, empresas, órgãos reguladores e fabricantes será possível estabelecer critérios para praticar níveis de conteúdo local efetivamente realistas, e salientou que todos os governos estão flexibilizando suas legislações, caso do Reino Unido, México e Colômbia. Para ele, o Brasil tem todos os elementos para "voltar a ser o queridinho" dos investidores, e o IBP está concentrando esforços para que o país volte a atrair investimentos.

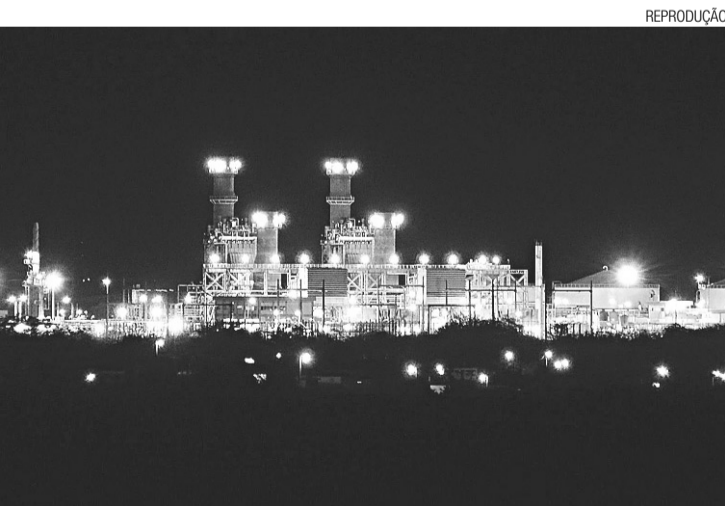
Outro item da agenda prioritária do IBP são os leilões. A entidade defende um calendário regular para que a indústria nacional, "mais do que qualquer outra", possa trabalhar com previsibilidade, inclusive para manter investimentos no país. Um ajuste da data, em função do atual preço do petróleo no mercado internacional, como ocorreu na última semana, em relação à 13ª rodada de leilões de petróleo e gás, "é compreensível", avaliou De Luca. Ele insistiu sobre a necessidade de que os termos do leilão sejam previamente discutidos para reduzir o grau de incertezas.



EDUARDO MAIA / NJ

“VAMOS ORGANIZAR UMA MARCHA DOS PREFEITOS E PROTESTAR CONTRA A DIVISÃO. NÃO PODEMOS ACEITAR MAIS ESTA PERDA”

Francisco José Júnior
Prefeito de Mossoró



REPRODUÇÃO

▶ Termoçu já foi citada como um dos ativos que pode ser vendido

NÚMEROS COMPROVAM REDUÇÃO

O NOVO JORNAL fez um levantamento junto à Agência Nacional do Petróleo (ANP) para demonstrar mais claramente as perdas que os municípios vêm sofrendo. O mês de referência usado foi fevereiro e as cidades foram Macau, Areia Branca e Guamaré. Os números mostram que no decorrer dos últimos anos, houve um crescimento no pagamento de royalties a essas cidades, mas que em 2015, comparado com 2014, o mês de referência registra uma queda de aproximadamente 50%. Acompanhe os números a seguir...

Comparação dos royalties (Mês de referência: FEVEREIRO)			
	Macau	Areia Branca	Guamaré
2007	R\$ 1.840.090,94	R\$ 750.900,09	R\$ 1.795.607,70
2008	R\$ 1.826.472,76	R\$ 992.068,81	R\$ 1.911.232,39
2009	R\$ 1.213.543,36	R\$ 495.485,31	R\$ 1.136.773,66
2010	R\$ 1.686.909,04	R\$ 1.535.125,14	R\$ 1.439.622,02
2011	R\$ 2.147.424,39	R\$ 665.868,39	R\$ 2.032.802,26
2012	R\$ 2.823.906,01	R\$ 814.056,61	R\$ 2.691.090,01
2013	R\$ 3.058.723,89	R\$ 1.060.958,03	R\$ 2.758.288,05
2014	R\$ 3.270.548,08	R\$ 1.166.533,10	R\$ 3.064.757,43
2015	R\$ 1.809.796,93	R\$ 635.058,12	R\$ 1.597.858,52

Fonte: ANP



Editor
Renato Lisboa

E-mail
renatolisboa@novojournal.jor.br

Fones
84 3342.0358 / 3342.0350

APRENDENDO EM SUAVES PRESTAÇÕES

/ EDUCAÇÃO / EMPRESA CHEGA A NATAL COM PROPOSTA DE OFERECER ACESSO AO ENSINO SUPERIOR ATRAVÉS DE FINANCIAMENTO PARA ESTUDANTES DE BAIXA RENDA

RAFAEL BARBOSA
DO NOVO JORNAL

UMA EMPRESA QUE surgiu de uma necessidade nacional de inclusão de jovens no ensino superior chega a Natal para recrutar estudantes que pretendem investir numa formação, mas não têm dinheiro. A Edukar nasceu em São Paulo, porém procura agora a capital potiguar para expandir o negócio.

A empresa de dois anos de idade vem ajudando alunos de baixa renda a bancar os estudos em universidades pelo Brasil e até fora do país. A proposta é de financiar o valor que eles precisam para concluir a formação e cobrar somente depois, quando esses estudantes estão empregados e recebendo salário. Segundo o economista Roberto Tesch, sócio-fundador da Edukar, no Brasil apenas 15% dos estudantes conseguem se formar atualmente, enquanto a média nos países desenvolvidos é de 40%. “Essa diferença de 15% para 40% é de mais ou menos 850 mil estudantes por ano”, completa.

Para o empresário, o acesso ao ensino superior no país é um “grande buraco negro”. Tesch explica que o problema está nos operadores do sistema de educação, tanto no Governo quanto no crédito privado. Sob a ótica dele, o Estado em sua esfera federal tem limitações orçamentárias e operacionais sobre o sistema de educação.

No que diz respeito à parte financeira, de orçamento, o empresário elenca a limitação do Programa Universidade para Todos (ProUni) e os cortes no Fundo de Financiamento Estudantil (Fies). Para a questão de operacionalização, Roberto Tesch destaca a impotência das bolsas de estudo perante as demais dificuldades enfrentadas pelos alunos. “Não adianta dar bolsa e pagar a faculdade se o estudante não tem dinheiro para alimentação, para transporte, ou para o cursinho, que viria a suprir uma defasagem do Ensino Médio para que ele consiga entrar na faculdade”, opina.

Os possíveis credores, de acordo com o que pensa Tesch, não têm interesse de emprestar o montante necessário para esses alunos, porque o nível de inadimplência é alto. “Então o que acontece? A gente tem 850 mil estudantes que poderiam fazer o ensino superior e serem absorvidos pelo mercado de trabalho, só que não tem ninguém que consegue levar oportunidade efetiva pra eles”, acerta.

“Os programas do Governo são excelentes, tanto é que eles conseguiram aumentar de 11% para 15% e devem aumentar para 18% o número de formados. Só que não é suficiente”. A Edukar surge num contexto que visa viabilizar o acesso à educação superior a essas pessoas que permanecem à margem.

“A gente bolou um modelo de gestão de apoio aos estudantes que pode ser acoplado ao crédito para assim diminuir o risco e viabilizar o investimento”.

A ideia é agregar serviço ao crédito, ainda de acordo com Tesch. A Edukar promove a seleção de estudantes e os acompanha durante o processo de formação, para garantir o retorno financeiro no momento em que há a contrapartida financeira desses beneficiados.



FOTOS: EDUARDO MAIA / NJ

► Fundada em 2013, empresa hoje atende a 25 estudantes em São Paulo e, agora, quer expandir negócios no país começando pela capital potiguar



SE ELE (O PROFISSIONAL DEPOIS DE FORMADO) GANHAR MAIS VAI PAGAR MAIS, MAS SE GANHAR MENOS PAGA MENOS, ESSA É A SUBSTITUIÇÃO DE DÍVIDA POR PARCERIA”

Roberto Tesch
Sócio-fundador da Edukar



Perfil

Roberto Tesch

Filho de um gaúcho exilado na ditadura e uma uruguaia, Roberto Felipe Tesch nasceu na Venezuela, em 29 de abril de 1980. Ele veio com a família para o Brasil aos 3 anos de idade e foi morar em São Paulo. Economista de formação, atuou por 10 anos no mercado financeiro, de onde saiu para trabalhar numa boutique de investimentos do ramo de infraestrutura. Depois de 6 anos, já em meados de 2010, montou com mais dois sócios uma empresa de consultoria de análise de viabilidade de projetos de infraestrutura. Em janeiro de 2013 fundou a Edukar, com mais cinco sócios. A equipe é composta por uma psicóloga, dois especialistas em seleção de pessoal e dois advogados.

NATAL NA ROTA DE EXPANSÃO

A empresa que surgiu em 2013 e hoje atende a 25 estudantes, todos do estado de São Paulo, quer expandir o negócio país a fora e conseguir fundos privados para bancar essas pessoas que pretendem ingressar numa faculdade. Contudo, atualmente a Edukar paga os estudos desses alunos com um dinheiro conseguido através dos chamados “anjos investidores”, que compraram ações da empresa, um total de R\$ 1,3 milhão.

Esses sete investidores são donos de 11% da Edukar, pertencendo os 89% restantes aos seis sócio-fundadores. Segundo Roberto Tesch, com essa quantia tem sido possível arcar com as despesas iniciais da empresa. O empresário conta que o primeiro passo é a seleção do estudante que se interessa pelo projeto e se enquadra no perfil procurado pela Edukar. “O que a gente procura? Potencial e determinação. A maior característica é a determinação, pois não adianta nada o estudante ser um gênio, ser superinteligente, se ele não tem vontade de crescer”.

O recrutamento é feito através de parcerias com instituições e ONGs que indiquem possíveis estudantes com bom desempenho, que possam fazer parte do projeto. “Temos parcerias com ONGs que dão bolsa a estudantes do ensino médio e startups que fazem simulados do Enem”, exemplifica o sócio-fundador. Após essa indicação, a Edukar faz entrevistas via Skype e Google Hangouts e aplica um questionário.

A partir daí, selecionado o aluno, a empresa presta o serviço de acompanhamento psicológico durante o período em que ele está em formação. Roberto Tesch atenta para muitos complicadores nesta fase, como o fato das necessidades familiares obriga-

rem esses estudantes a trabalhar.

Quando passa essa fase, o estudante escolhe a faculdade e a forma que quer receber o investimento. Roberto Tesch lembra o caso de Eduardo Magalhães, um estudante de São Paulo que pediu auxílio da Edukar. Segundo Tesch, a empresa arcou com as despesas do cursinho e da alimentação durante o período de preparação de Eduardo para o ingresso na universidade. Quando o estudante conseguiu a aprovação na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), para o curso de Arquitetura, precisou de nova ajuda. Isso porque os recursos do Governo só seriam viabilizados num período de seis meses e Eduardo Magalhães precisava de dinheiro para se manter na cidade até que se regularizasse essa situação.

“Um investimento total de R\$ 17 mil e ele vai pagar depois de formado em Arquitetura por um período com um percentual da renda”.

Ainda segundo Roberto Tesch, em média, o investimento para cada estudante é R\$ 40 mil, o percentual da renda de 6% a ser destinado ao pagamento após o término do curso, por um período médio de 12 anos. Esta renda é estimada pela Edukar através de consultorias, a depender da profissão escolhida pelo estudante. “Ou seja, nós só ganhamos se ele ganhar”, afirma. A empresa também negocia o pagamento do curso inteiro, em casos de faculdades privadas, com alimentação e os recursos que forem necessários para a conclusão.

Do total de 25 estudantes que têm apoio da empresa, 4 estão nos Estados Unidos, um na São Paulo. A proposta chega a Natal numa tentativa de expansão, trazendo a mesma visão de negócio e buscando parcerias.

FUTURO DEPENDE DE INVESTIDORES QUE ACREDITEM NO SERVIÇO

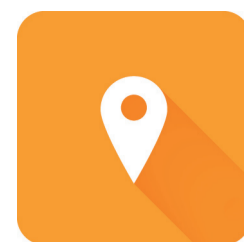
A empresa não é uma instituição financeira e não tem pretensão de oferecer empréstimos diretamente aos alunos. A ideia para o futuro é captar recursos e repassar a esses beneficiados. De acordo com Roberto Tesch, o objetivo da Edukar é usar os recursos conseguidos através dos investidores anjo para provar que o projeto dá certo, através dos primeiros estudantes que aderiram ao sistema, e assim atrair novos financiadores.

“Fazer parcerias com instituições financeiras, ou fazer com que pessoas invistam diretamente no estudante, desde que ele tenha sido selecionado, tenha a nossa chancela, ou certificado, e nosso acompanhamento”, complementa.

A Edukar vislumbra conseguir que essas instituições emprestem o dinheiro diretamente aos alunos, a juros de, no máximo, 12% ao ano, mais a inflação. Como o valor só é devolvido após a formação completa e ingresso no mercado de trabalho, esse percentual é aplicado sobre a estimativa do salário feita com consultoria, que vai receber o profissional quando já estiver empregado.

“Então para a gente saber o valor que ele vai precisar de investimento, a gente vai variando o percentual da renda até que os juros implícitos fiquem equivalentes ao valor acordado com esses financiadores. E aí a gente vai ter um fluxo de pagamento estimado”, esclarece Roberto Tesch, acrescentando que o estudante beneficiado tem a opção de pagar de forma fixa esse fluxo estimado, ou em percentual sobre sua renda. “E aí se ele ganhar mais vai pagar mais, mas se ganhar menos paga menos, essa é a substituição de dívida por parceria”.

Entretanto, enquanto esses investidores que acreditam na proposta não chegam, a contrapartida inicial que a Edukar oferece é a aquisição de ações da empresa. “Mas acreditamos que quando o projeto se provar eficiente eles vão querer investir nesses estudantes”. Para Roberto Tesch, o serviço de seleção e acompanhamento garante que os alunos paguem as mensalidades, sem inadimplência, e agrega valor ao financiamento. “A gente traz uma série de serviços, a seleção, o acompanhamento e permissão do pagamento em percentual da renda, para diminuir o risco de inadimplência desse estudante e aí viabilizar o dinheiro mais barato para ele”.


Editor

Moura Neto

E-mail

mouraneto@novojornal.jor.br

Fones

84 3342.0358 / 3342.0350

FOTOS: NEY DOUGLAS / NJ

/ AVENTURA / PROCURADOR DO ESTADO FOGE DA ROTINA PARA PERCORRER MAIS DE 9 MIL QUILOMETROS SOBRE DUAS RODAS EM DIREÇÃO AO ATACAMA

JALMIR OLIVEIRA
DO NOVO JORNAL

PERCORRER MAIS DE nove mil quilômetros em cima de uma motocicleta não é para qualquer um. Mas o procurador estadual Jansênio Alves, 50, tirou a aventura de letra. Em pouco mais de 15 dias, ele percorreu Chile, Argentina e boa parte do Brasil em cima de duas rodas, mesmo lidando com uma hipertensão crônica e a bronca da esposa, que só soube da viagem bem em cima da hora.

A aventura do potiguar, que já foi caminhoneiro, funcionário da Petrobras e até oficial do Exército, começou no dia 3 de março. Ele tinha despachado dias antes a motocicleta recém-comprada, uma BMW F800 GS, até a cidade paulista de São Bernardo do Campo. De lá, seguiu em jornada solitária ao Vale do Atacama. “É uma das aventuras mais sonhadas de todos os motociclistas”, diz.

O motociclismo, por sinal, é outra paixão deste ‘Easy Rider’ potiguar, que já teve 28 motos ao longo da vida. “Uma das minhas grandes frustrações é ter vendida a minha primeira moto. Até hoje quero comprá-la de volta, mas quem a adquiriu já a revendeu”, rememora.

Para a viagem, ele realizou, secretamente, um planejamento de tudo o que seria feito. Nem mesmo a família soube da aventura. “Minha mulher foi comunicada no dia em que a motocicleta chegou à cidade de São Bernardo do Campo. Ela ficou surpresa, mas eu já tinha tudo organizado”, lembra.

Da cidade paulista, o procurador do Estado percorreu as paranaenses Ponta Grossa e Foz do Iguaçu. A partir daí, deu-se início à grande aventura. Ele seguiu até San Miguel de Tucumán, a maior cidade do Noroeste argentino, que é a porta de entrada para a Cordilheira dos Andes.

A trilha utilizada foi a chamada Rota 52, também conhecida por “Estrada de Villavencio”, em que os aventureiros seguem por linhas tortuosas – são 365 curvas – ao longo de pouco mais de 20 quilômetros. “A gente só sente o cheiro das pastilhas de freio dos veículos. É um trecho que exige muito dos condutores”, diz.

Durante a subida da cordilheira, já que as curvas delineiam desfiladeiros, o risco de acidente era iminente. “As pistas têm extensas áreas cobertas de brita, como das corridas de Fórmula 1, para evitar que os veículos desabem desfiladeiros”, conta. Em determinados trechos, ele esteve a quatro mil metros acima do mar.

A região da Cordilheira dos Andes foi o trecho de maior deslumbramento para Jansênio. Ele passou por vulcões, formações rochosas que lembram terrenos lunares e também cruzou com a vegetação típica da região, formada por cactos de proporções animais. “Ah, também vi ainda lhamas, alpacas e guanaco (animais típicos da cordilheira)”, relata.

Por conta da altitude, acima dos quatro mil metros, o potiguar sofreu com os efeitos do “soroche”, uma espécie de mal-estar das altitudes elevadas. Isso porque quanto maior a altitude, mais rarefeito é o ar. A respiração fica mais rápida, os batimentos cardíacos acelerados e se costuma sentir fortes dores de cabeça, bem como fadiga e tonturas.

Para amenizar os sintomas, a solução é simples: mascar folha de coca. “Foi a única coisa ruim de toda a viagem”, relata.

EASY RIDER POTIGUAR



► A BMW F800 GS é um dos 28 modelos que Jansênio Alves, 50, possuiu desde que se apaixonou pelas motocicletas



“

MUITOS FICARAM ADMIRADOS QUANDO DISSE O QUE FIZ. ESPERO QUE A MINHA AVENTURA SIRVA DE INCENTIVO PARA OUTRAS PESSOAS”

Jansênio Alves

Procurador do Estado

FOTOS: ARQUIVO PESSOAL



► Depois de curvas perigosas, ar rarefeito e pastilhas de freio queimadas, recompensa é contemplar cenário da Cordilheira dos Andes

UM ANO DE PLANEJAMENTO

Toda a viagem foi desenhada no início do ano passado. A ideia de Jansênio Alves era realizar a empreitada em outubro. “Eu queria comemorar o meu aniversário realizando a jornada, mas não foi possível. Adiei para março deste ano”, conta.

Ele conta ainda que a fagulha veio do amigo e ex-procurador geral do Estado, Miguel Josino (morto em maio do ano passado). “Eu disse que tinha este sonho e ele me olhou e disse: ‘pois realize’. Passei a colher informações e comprar material para a empreitada”, detalha.

Meses antes de viajar, comprou roupas para suportar as intensas variações de temperatura, que saem dos 40 graus durante o dia e chegam até 0 grau no período da noite. Adquiriu peças extras para a motocicleta e tomou lições para pequenos consertos mecânicos.

RETORNO À VIDA DE PROCURADOR

Jansênio Alves passou 17 dias na estrada. Saiu dia 03 de março e chegou no dia 20. Percorreu diariamente mais de 800 quilômetros. Após um breve descanso de dois dias, já em terras potiguares, ele já estava de volta ao trabalho na Procuradoria Geral do Trabalho (PGE). Ocupa o cargo de procurador desde 2007. Hoje, é um dos respon-

sáveis pelo setor de cálculos judiciais e precatórios. “O meu trabalho é bem puxado. Sempre temos de lidar com o pagamento de valores à população. Meu papel é o de calcular o valor correto de uma indenização”, relata.

Por dia, ele chega a receber mais 25 processos para analisar. “Isso é uma média, mas pode chegar ao dobro disso”, salienta. O lado aventureiro dele pegou muitos colegas de trabalho de surpresa. “Muitos ficaram admirados

PONTO DE ENCONTRO DOS AVENTUREIROS

Ao passar pelo Chile, o aventureiro passou alguns dias na região do Vale do Atacama, considerado um dos locais mais insólitos de toda a Terra. Passou ainda por extensas salinas naturais. O sal destes locais não é usado para o consumo humano, mas para a produção de lítio, um dos principais componentes dos atuais aparelhos celulares.

“É um lugar muito seco e árido. O mais estranho é que não derramei uma gota de suor percorri a pé alguns quilômetros para contemplar melhor a paisagem”, lembra. Durante a estadia na cidade chilena de San Pedro de Atacama, a 2,4 mil metros de altitude, ele conheceu um aventureiro português que já tinha percorrido o Brasil, a Bolívia e o Chile, mas que ainda iria até a Argentina, e tudo isso a bordo de uma bicicleta.

Uma das boas recordações é que por todos os locais são vistos aventureiros realizando jornadas semelhantes. “Há um clima de solidariedade que te cerca. Você sempre é ajudado ou presta auxílio ao próximo. É um sentimento muito bom. Acho que é o resultado da felicidade ao percorrer as belas paisagens dos países da América do Sul”, relata.

Ele conta ainda a experiência de cruzar o “Vale da Lua”, ainda no Atacama, uma área deserta com vales, montanhas e formações rochosas que parecem simular Marte. Um lugar em que a aparente desolação traz aos olhos imagens inesquecíveis. “É muito bonito. Parece que você não está no planeta Terra”, diz.

A etapa chilena marcou o fim da viagem. No retorno, ele ainda passou por diversas vinícolas ao sul da Argentina. Numadelas, a “El Esteco”, conheceu todo o processo de produção do malbec, com prêmios internacionais, entremeados em cenários cinematográficos. Depois disso, foi pé na estrada. Percorreu de motocicleta todo o litoral do Brasil até retornar ao Rio Grande do Norte.

quando disse o que fiz. Os meus colegas de trabalho têm uma vida mais sedentária. Espero que a minha aventura sirva de incentivo para outras pessoas”, compara.

Casado e pai de três filhos, formado em direito e jornalismo, Jansênio iniciou as pesquisas para a próxima aventura. Ele quer ir de Natal até Ushuaia, na Argentina, no extremo sul do continente americano. “Ainda não tenho uma data, mas este é meu objetivo”, finaliza.



RAFAEL BARBOSA
DO NOVO JORNAL

/ TÁTICA / TROPA DE ELITE DA POLÍCIA MILITAR DO RIO GRANDE DO NORTE CONTA COM ESPECIALISTAS PARA SITUAÇÕES EXTREMAS, DENTRE ELES SNIPERS E DESARMADORES DE BOMBAS

Subir morro, andar no mato, carregar equipamento pesado, correr, nadar, atirar. A tropa de elite da Polícia Militar do Rio Grande do Norte tem um treinamento intensivo para manter a forma física e as habilidades de seus soldados. Mas o Batalhão de Operações Policiais Especiais também tem especialistas que tratam de situações que vão além do confronto homem a homem, pelo qual o Bope ficou famoso nos filmes.

O Batalhão atua em três vertentes: o treinamento dos policiais que lá são lotados, a realização de curso para as demais unidades e a operação.

Entre as especialidades que esta divisão da PM possui, estão o desarme de bombas e o tiro de precisão, atividade que foi popularizada como sendo responsabilidade de "atiradores de elite". Só que até chegar lá, os policiais precisam suar e estudar muito.

O NOVO JORNAL conversou com os dois oficiais responsáveis por esses dois esquadrões do Bope e eles contaram como foi a experiência de se preparar para exercer as funções, que exigem equilíbrio emocional, técnica e conhecimentos teóricos de química, física, além de muita prática.

De um lado, a tensão da iminência da explosão de uma bomba e do outro a necessidade de um tiro certeiro para terminar uma situação de crise. Não há possibilidade de erro em nenhuma das duas ocorrências. O tenente Rafael do Nascimento comanda o esquadrão anti-bomba do Bope e a sessão de snipers é coordenada pelo capitão Fábio Borja, ambos com muitos anos de treinamento na bagagem e cursos de especialização. Eles estão à frente das operações que exigem a presença de suas divisões.

São os policiais mais preparados dentro da Polícia Militar do Rio Grande do Norte para executar suas funções. O capitão Borja tem 42 anos e foi capacitado junto à Polícia Federal em Brasília em 2009, num curso de seis meses. De lá até aqui foram incansáveis treinos para não permitir qualquer falha. "E ainda não me considero pronto, nem hei de me considerar, pois é muita responsabilidade".

O tenente Rafael foi treinado por 1 ano e 8 meses na Colômbia, curso que começou em 2010. O oficial lembra que na realidade do país colombiano os ataques eram quase diários, promovidos pelas Forças Armadas Revolucionárias Colombianas (Farc). "O que me marcou mais no tempo em que estive lá foi a morte de dois policiais que eram meus instrutores, que trabalhavam em Bogotá e davam aula pro curso. Numa ocorrência os dois vieram a falecer. Chegaram no local e tiveram o azar de a bomba explodir".

TIRO, PORRADA E BOMBA



► Batalhão de Operações Especiais atua no treinamento para grupos de elite e na atuação em situações extremas

TENENTE RAFAEL, O 'BOMBERMAN'

O tenente Rafael do Nascimento ingressou na Polícia Militar no ano de 2006 e três anos depois decidiu entrar para o Batalhão de Operações Policiais Especiais. Para entrar no Bope, como todos os policiais, primeiro o tenente precisou fazer o Curso de Operações Especiais (Coesp), no qual é submetido a várias situações para que o comando do Batalhão possa avaliar o seu perfil. É o curso que ficou conhecido no país depois do filme Tropa de Elite I.

Em 2010 o tenente Rafael se mudou para Bogotá, onde viveu por quase dois anos. Na capital colombiana presenciou várias situações envolvendo explosivos e aprendeu a lidar com essas ocorrências.

O oficial do Bope lembra que em uma dessas oportunidades representantes das Farc invadiram uma rádio na madrugada e, armados, ordenaram que todos os funcionários deixassem o local. Em seguida, segundo conta o tenente, eles explodiram um carro-bomba na frente do prédio, destruindo a rádio. "Mas lá é uma realidade completamente diferente da nossa, existe uma disputa entre o terrorista e o desativador. No nosso estado o explosivo é voltado para o furto nos caixas eletrônicos", destaca.

Em todos os registros de violação dos terminais eletrônicos com artefatos explosivos, o esquadrão anti-bomba é acionado, para avaliar e recolher o material. Mesmo nesses casos mais corriqueiros, é preciso cuidado. Segundo relato do tenente, em outros locais do país já houve casos de os assaltantes deixarem uma carga de retardo para atingir os policiais que atendiam a ocorrência depois que os criminosos deixavam as agências.



► Rafael do Nascimento foi submetido a treinamento em Bogotá, onde viveu por quase dois anos

Em casos de suspeitas de bombas deixadas em lugares públicos, depois da evacuação, o esquadrão também entra em ação. O tenente Rafael do Nascimento explica que há vários equipamentos que são utilizados para realizar o procedimento de neutralização. Com a vinda da Copa do Mundo para Natal no ano passado, o governo federal enviou boa parte desses aparelhos. "Um robô, traje anti-fragmentação, raio-x, canhão disruptor, detector de gases e substâncias perigosas, braço robótico. Os equipamentos básicos para se operar nessa área de explosivos", complementa.

Ainda de acordo com o oficial, quem primeiro vai até o artefato suspeito de ser uma bomba é o robô. O corpo tem quatro câmeras e braços móveis que conseguem

carregar tanto o objeto explosivo quanto os aparelhos de raio-x. Caso os especialistas não consigam visualizar o conteúdo do artefato suspeito nem através das câmeras nem do raio-x, aí é que, em último caso, o traje anti-fragmentação é utilizado.

No Rio Grande do Norte a polícia dispõe de uma dessas roupas especiais. "Diferente do que foi mundialmente divulgado pelo filme 'Guerra ao Terror'. Aquilo ali, pelos procedimentos que seguimos, é a forma como não se deve trabalhar. A gente procura sempre resguardar a integridade física do policial".

O tenente esclarece que, mesmo quando é necessária a aproximação com a roupa, o policial deve permanecer o mínimo de tempo possível perto da bomba. "Ele deve somente posicionar o raio-x de forma que consigamos ver o que tem dentro do artefato, de uma maneira que o robô, por alguma ocasião, não conseguiu fazer".

O aparelho transmite as imagens captadas para um computador. Essas imagens são analisadas pelo restante da equipe, composta por 3 pessoas, em média, que observa a situação de longe e vai avaliar o conteúdo.

O robô foi utilizado, na ocorrência mais recente, durante a copa do Mundo. Segundo contou o tenente Rafael, uma mochila foi deixada nas cadeiras da Arena das Dunas depois da partida entre Estados Unidos e Gana, no dia 16 de junho. "Não apareceu o dono e as câmeras não mostraram quem havia deixado". A bolsa foi levada para um local seguro e explodida. Contudo se tratava de um alarme falso.

CONTINUA
NA PÁGINA 10 ►

FOTOS: FRANKIE MARCONE / NU



“AQUILO ALI (FILME 'GUERRA AO TERROR') É A FORMA COMO NÃO SE DEVE TRABALHAR. A GENTE PROCURA SEMPRE RESGUARDAR A INTEGRIDADE FÍSICA DO POLICIAL”

Rafael do Nascimento
Tenente da Polícia Militar

CONTINUAÇÃO
DA PÁGINA 9 ▶

'SNIPERS' SÃO O ÚLTIMO RECURSO

FOTOS: PEDRO RIBAS / ANP



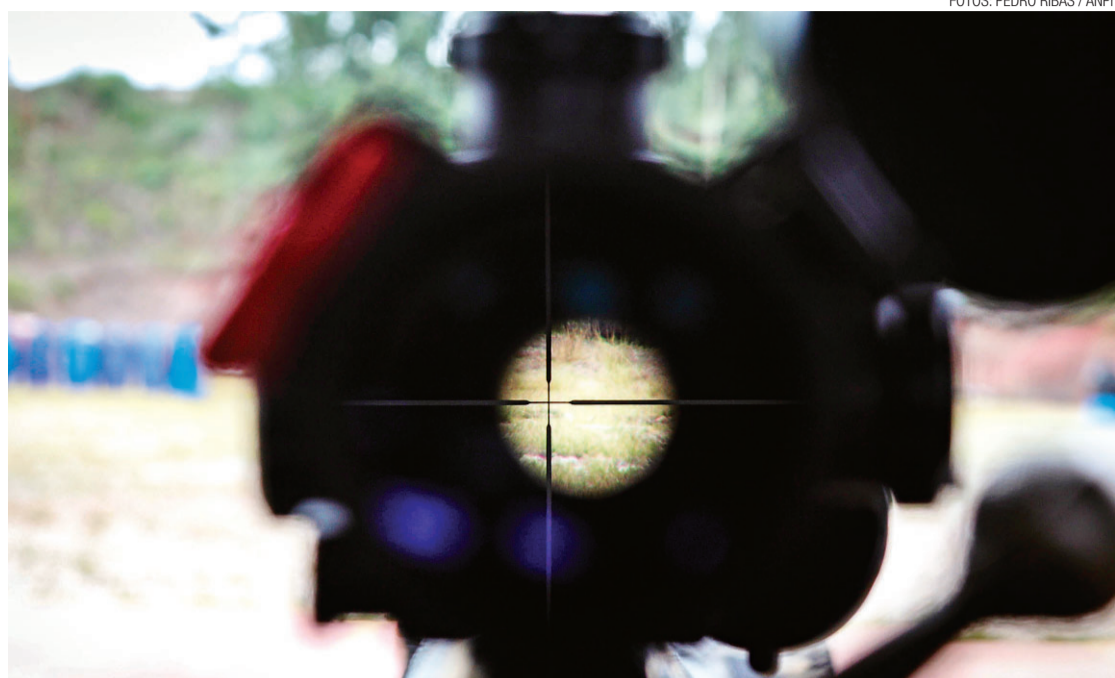
Um ex-contabilista que tornou-se o comandante da sessão de atiradores de elite da Polícia Militar do Rio Grande do Norte. Antes de entrar para a corporação, em 2003, o capitão Fábio Borja trabalhava com contabilidade e também já havia sido office-boy. Após 6 anos na PM, em 2009, ele iniciou a preparação para se tornar um sniper. Naquele ano, viajou para Brasília para um curso junto ao Comando de Operações Táticas da PF.

O capitão Borja diz que tem receio em falar sobre sua atividade, porque as pessoas associam o atirador de precisão a um matador. Porém, segundo o oficial, o homicídio não é a primeira missão do sniper. Borja explica que, a princípio, a função do atirador é observar. Posicionado em lugares escondidos da situação de risco e com uma lente que aumenta em até 10 vezes o alvo, o policial pode avisar aos companheiros o que se passa nos arredores do local em que acontece a operação. Essa tática, inclusive, é muito usada em escolta de autoridades.

A segunda função diz respeito à proteção dos demais envolvidos na ação. "No caso do cárcere privado que aconteceu em Capim Macio recentemente, por exemplo, quando os dois policiais iam levar a comida para o tomador de refém nós precisávamos ficar atentos à movimentação dele".

Segundo o capitão, em terceira e última instância, e somente sob a permissão do comandante da operação, o atirador deve "neutralizar a ameaça". Ou seja, efetuar o disparo no suposto criminoso.

Entretanto a preparação para lidar com esse tipo de situação é intensa e diária. O capitão Borja



▶ Capitão Fábio Borja, comandante da sessão de atiradores de elite da PM: "Na dúvida, não se atira"

afirma que os policiais selecionados para compor a equipe precisam de incluir num perfil pré-estabelecido: terem boa visão, mais de 30 anos, serem casados, terem filhos, terem uma religião, não apresentarem problemas financeiros nem quadros de desequilíbrio familiar e nem podem ter vícios. "Nem por café. Não dá para parar no meio da ação para tomar café".

O oficial esclarece que a maioria dos aspectos dizem respeito à maturidade do policial e ao seu bem estar emocional. Para puxar o gatilho, o atirador não pode estar pensando em problemas que deixou em casa. "Precisa também ter um interesse acima da média por arma, por munição, tem que gostar de ler para saber das novidades, tem que entender de balística, ter noção de termoquímica, para

saber o que acontece se aperta ou não mais uma munição, entender a expansão dos gases, saber de termodinâmica, física, para entender a briga vetorial enquanto está segurando o fuzil", acrescenta Borja.

Segundo o oficial, o policial precisa saber se tem condições de atirar e tem que saber onde o disparo vai acertar. Para isso, ainda de acordo com o capitão Borja, muitos fatores influenciam. "Tudo influencia: a temperatura, a altura em que o atirador está posicionado, o ângulo de disparo, se tem vidro ou não, se o alvo se mexe, se o atirador está a favor do vento ou contra o vento, a posição do sol em relação ao atirador, se for disparar com chuva, ou no amanhecer do dia, se é com uma temperatura mais baixa, se pega a munição de um lote diferente do que estava sendo usa-

do, mesmo que seja do mesmo fabricante, entre outros fatores".

Em virtude dessas variantes, os policiais treinam em todas as condições de tempo, e utilizam diferentes tipos de munição para efetuar os disparos.

De acordo com Borja, o sniper também precisa avaliar se o tipo é necessário, aceitável, legal e proporcional à situação. "Se ele atirar, de toda forma vai responder por homicídio. Se errar o tiro vai responder porque não acertou o alvo e caso se negue a disparar depois de uma ordem pode responder por omissão". Para justificar essas três situações, o policial atirador precisa utilizar como embasamento as condições do disparo que aprende durante os treinamentos. "Na dúvida não se atira, não é uma loteria".

▶ Atiradores têm perfil pré-estabelecido: boa visão, mais de 30 anos, casados, pais, religiosos, sem desequilíbrio financeiro ou emocional e sem vícios

TODOS OS JOGOS DECISIVOS VOCÊ SÓ ASSISTE AQUI!

ei esporte
interativo

ORGULHO DO TORCEDOR NORDESTINO

SUA OPERADORA VAI TE DEIXAR FORA DESSA?

**COPA DO
NORDESTE**

08/04 (QUARTA) ÀS 21H30
NO ESPORTE INTERATIVO



08/04 (QUARTA) ÀS 21H30
NO ESPORTE INTERATIVO NORDESTE



11/04 (SÁBADO) ÀS 15H30
NO ESPORTE INTERATIVO



12/04 (DOMINGO) ÀS 15H45
NO ESPORTE INTERATIVO



ONDE ASSISTIR: CLARO HDTV, OI TV, CABO TELECOM E GVT

VEÍCULO OFICIAL DA COPA DO NORDESTE
NOVO
JORNAL



Editor
Moura Neto

E-mail
mouraneto@novojornal.jor.br

Fones
84 3342.0358 / 3342.0350

AS RAÍZES POTIGUARES DE CHRISTINA OITICICA

/ ARTE / PINTORA DE ORIGEM POTIGUAR, CHRISTINA OITICICA, MULHER DE PAULO COELHO, SONHA EM EXPOR SUAS OBRAS EM NATAL, PARA ONDE QUER VIR COM A FAMÍLIA CONHECER O SOLAR BELA VISTA, ERGUIDO NO INÍCIO DO SÉCULO PASSADO POR PARENTES DELA

ANTONIO NAHID
ESPECIAL PARA O NOVO JORNAL

SANTIAGO DE COMPOSTELA, Espanha - Ela nasceu no Rio de Janeiro, mas seus pais, avós e bisavós são do Rio Grande do Norte. Casada com o escritor Paulo Coelho, a artista plástica Christina Oiticica viveu a efervescência dos anos 70 e sofreu influência de todas as experiências culturais e artísticas da época. Especializou-se numa técnica que mistura elementos tradicionais da pintura com a land art, ou arte da terra. Influenciada pela Floresta Amazônica, os Alpes franceses, por paisagens do Japão e até o Caminho de Santiago de Compostela, além de pintar, também desenha, faz ilustrações e esculturas. Suas obras foram vistas em mais de 60 galerias e museus no Brasil e em outros 12 países, como Estados Unidos, França, Suíça, Bélgica, Irlanda e Eslovênia.

"Vivi algum tempo em um pequeno hotel em Tarbes, nos Pireneus Franceses, com Paulo (Coelho). Precisava finalizar várias telas para uma exposição em Paris, mas tinha um obstáculo pela frente: a ausência de um espaço que pudesse servir de atelier. A solução foi transformar os campos e florestas da região em uma oficina a céu aberto. Fiquei muito inquietada. Parecia que estava estragando o trabalho. Mas era o início de uma parceria que dura até hoje. Foi a descoberta de uma nova técnica. Meus trabalhos recebem essa energia da natureza, da grande mãe, e se tornam únicos e inimitáveis", explica a artista, que costuma enterrar suas telas e conferir o resultado meses depois.

Utilizando essa transformação da terra em suas telas, conta que já perdeu algumas delas para a força da natureza. "Deixo o quadro enterrado por um ano, oito meses. Na Amazônia, a água do rio subiu muito e eu não pude tirar o quadro. A terra ficou com meus quadros", lembrou Christina, que disse não ter se importado com esta "troca", continuando, "aconteceu também quando fui buscar as dez pinturas que tinha espalhadas por todo o Caminho de Santiago, encontrei apenas oito, mas honestamente, eu prefiro pensar que ficou de presente para o próprio Caminho".

No dia da festa de São José, 19 de março, em Santiago de Compostela, comemorada por ela e seu marido, a artista plástica conversou sobre seu trabalho, suas inspirações e suas expectativas de apresentar uma grande exposição em Natal.

Desde o início da década de 90, esta cidadã do mundo, que vive entre os Pireneus Franceses, Zurich e Rio de Janeiro, tem percorrido trilhas em caminhos sagrados enterrando quadros para que ao longo de meses a natureza se torne coautora dos trabalhos, que, depois, são apresentados ao público, tal como foram retirados da terra. Enterrou obras no Caminho de Kumano, na Floresta Amazônica, na China etc. Um dos momentos marcantes de sua carreira foi a mostra "Portais", em Santiago de Compostela, um trabalho feito em conjunto com o famoso pintor Romero Brito, com textos de Paulo Coelho. A seguir, a entrevista ao NOVO JORNAL.

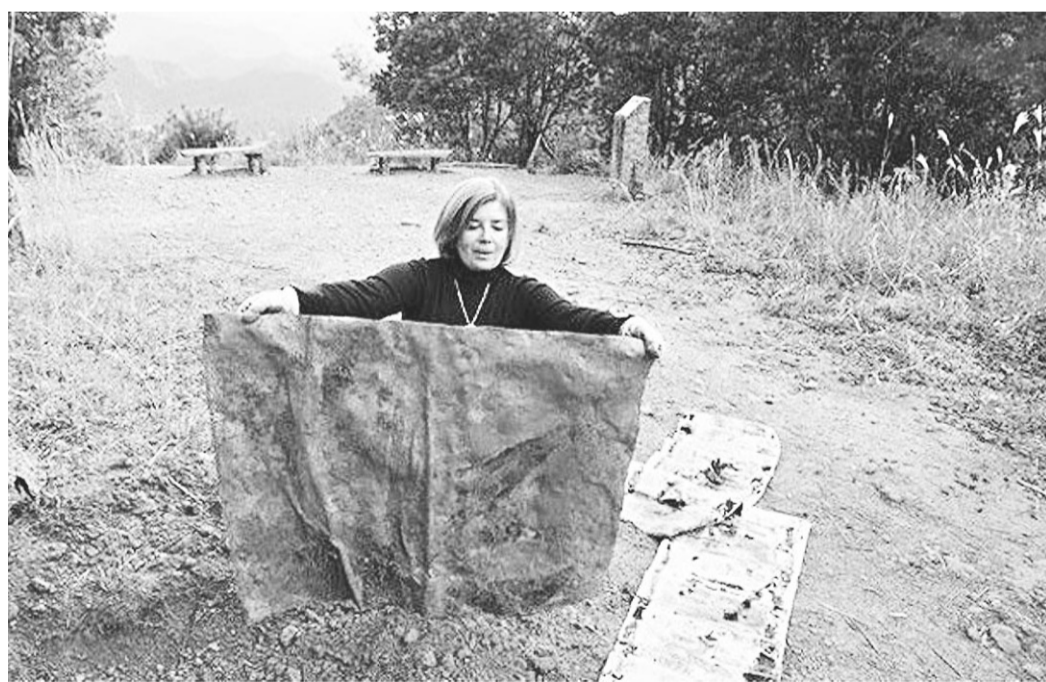


FOTOS: ARQUIVO PESSOAL



ADORARIA FAZER UMA EXPOSIÇÃO DE MINHAS TELAS NO SOLAR BELA VISTA; MINHA MÃE, IRMÃOS E PARENTES GARANTEM QUE IRÃO"

Christina Oiticica
Artista plástica



▶ Christina trabalha com técnica através da qual enterra suas telas por até um ano



▶ Assim como o marido, o escritor Paulo Coelho, Christina Oiticica é mística e gosta de ouvir as vozes da natureza



Christina, verdade que o seu sangue é nordestino?

Minha família vem toda do Nordeste e o meu sobrenome foi escolhido por causa de uma grande árvore frondosa do sertão cujas ramas vão quase até o chão, dando uma sombra maravilhosa, de 15 a 20 metros de circunferência. Nasci no Rio de Janeiro, mas a família do meu pai, os Oiticica, é de Alagoas, já a da minha mãe, Medeiros e Leite, do Rio Grande do Norte. Meu bisavô materno, Augusto Leite, era um empresário muito conhecido, tinha um jornal, fazia parte da Liga Operária de Natal. Segundo conta minha mãe, ele construiu o Solar Bela Vista, era a residência da família, e como na época não havia hotéis requintados, hospedava grandes personalidades do mundo político.

O Solar Bela Vista é um dos principais monumentos históricos de Natal, além de ser um concorrido espaço cultural. Lancei minha revista Ícone nele. É deslumbrante.

Por incrível que pareça, ainda não conheço. Faz muito tempo que não vou a Natal, embora tenha parentes lá. Adoraria fazer uma exposição de minhas telas no Solar Bela Vista. Minha mãe, irmãos e parentes garantem que estarão presentes na inauguração.

Primeiro precisaria enterrar suas obras em solo nordestino...

Ainda não tenho nada marcado, não recebi nenhum convite nem há um projeto definitivo. Mas penso em encontrar uma oiticica e trabalhar junto com ela. Gostaria de deixar meu trabalho embaixo de uma oiticica. Seus frutos servem para a confecção de tintas para pintar. Acho muito romântico pensar nisso. Um dia desses, entrei no Google Maps e digitei no Nordeste o nome oiticica, e ele assinalou um ponto no mapa. Fui aproximando e achei que era uma cidade, fiquei surpresa, pois sei que não existe nenhuma com esse nome, mas era a localização de uma grande oiticica no meio do sertão. Se não me engano, em Pernambuco ou Paraíba. Penso também em percorrer o Caminho de Peregrinação do Padre Cícero, de Juazeiro do Norte, no Ceará.

O Caminho de Santiago marcou sua vida. Nele, enterrou pela primeira vez suas telas. Como escolheu os pontos exatos do Caminho de Santiago (a rota tradicional tem aproximadamente 840 km) para enterrar as telas?

O Caminho de Santiago é muito importante para mim e para o Paulo (Coelho). Vi muitas vidas se transformarem por causa dele. E considero minha primeira peregrinação, em 1990, um rito de passagem. A escolha dos lugares se deu basicamente pela minha intuição. Eu sabia que queria enterrar em tal cidade, mas o local exato, eu escolhia quando chegava. Precisava ver o solo, sentir a energia...

Qual o sentimento ao desenterrar as telas?

É uma emoção forte a cada desenterramento. Nunca sei o que vou

encontrar. Às vezes, as raízes entram dentro da tela e fazem um lindo percurso, uma espécie de costura. A textura é sempre diferente e varia conforme o solo, algum bichinho se gruda e, às vezes, a tela desaparece ou desintegra.

A natureza é uma boa parceira no processo criativo?

A natureza age, como o próprio ser humano, de forma diferente em cada lugar. As pessoas que moram nas montanhas são diferentes das que moram na beira da praia, apesar da essência ser a mesma. Existem homens bons e ruins em todos os lugares. Mas uma característica é comum a todos. A natureza sempre deixa sua impressão digital na obra, mas de diferentes maneiras. Em cada caso, o arbítrio das águas e do vento, o mistério das pedras e da terra interagem de forma singular sobre a matéria criada.

Viajou e conheceu muitos lugares, pintou muitos quadros e realizou inúmeros sonhos. O que sonha hoje, se ainda tem sonhos a realizar?

Bem, devo dizer que tenho muitos sonhos. Um deles é continuar a trabalhar e expor meus quadros por todo planeta. Ou seja, meu maior sonho é continuar trabalhando com amor e paixão.

Quem vê o seu trabalho nota que o amor faz parte dele.

Sim, é verdade. Ele está sempre presente. Para mim, o trabalho é como uma missão amorosa, ocultar as imagens e depois pegá-las, sentir, desenhar, transmitir... Enfim, tudo.

Na sua perspectiva, o que destaca no seu trabalho?

Sempre trabalhei com símbolos femininos e sinais da natureza. Utilizo muito os corações, a transparência, a fertilidade. Da minha perspectiva, quando se trabalha com a terra percebemos uma certa textura única, e é uma sensação que eu amo. Não me refiro apenas ao aspecto visual, mas também de energia. Porque em todos os lugares da Terra há uma energia diferente e isso é o que se reflete em minhas pinturas. Muitas pessoas captam essa energia. É um elo entre a Terra, eu e o público.

Cidadã do mundo, como fica o Brasil no seu coração e, claro, o Rio Grande do Norte?

O Brasil para mim está sempre num lugar especial, eu tenho uma grande ligação com o meu país. Fiquei um tempo na Amazônia, perto do Acre, porque eu deixei algumas pinturas pela floresta amazônica, coletando esta energia que falamos antes, e coisas bonitas saiu disso. Certamente o Brasil é muito importante para mim. Eu gosto muito. O povo, comida, amigos, tudo é diferente. E o Rio Grande do Norte, de onde vim, será sempre especial.

Então podemos esperar uma exposição sua em Natal?

A verdade é que eu realmente quero. Esta entrevista é muito simbólica para mim. Talvez seja um sinal. Seria emocionante.

SÍLVIO ANDRADE
DO NOVO JORNAL

O RIO PITIMBU, que nasce em Macaíba, passa por Natal e desemboca na Lagoa do Jiqui, em Parnamirim, sendo responsável pelo abastecimento de 30% da população da capital, apresenta 41 pontos de degradação provocados por desmatamento, aterramento, lançamento de efluentes de esgotos e águas servidas, animais mortos, além de todo tipo de lixo como entulhos, garrafas e latas de bebidas, material plástico e outros.

O estudo do Instituto de Água do Rio Grande do Norte (Igar) que aponta os pontos de degradação é de 2005 e, desde então, nada de relevante para medição do grau de desgaste do rio foi feito. A única novidade para medição da qualidade da água é de 2008 do próprio Igar, que semestralmente coleta amostras para saber como está a água que corre no leito deste rio.

A Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo (Semurb) vai iniciar ainda este mês um diagnóstico do trecho de cerca de 5 km, correspondente à faixa natalense do rio, que tem 35 km de extensão desde suas principais nascentes em Macaíba.

Presidente do Comitê da Bacia Hidrográfica do Pitimbu, Leonardo Almeida disse que o rio tem sérios problemas relacionados a assoreamento, lançamento de águas residuárias, supressão vegetal da mata ciliar, deposição de lixo e construções irregulares dentro da faixa de proteção.

“Temos alguns locais pontuais de maior impacto que sofre degradação considerável”, assinou Leonardo Almeida. Em Natal, isso acontece principalmente nos trechos de descarga de drenagem

do bairro Planalto, Zona Oeste, na ponte da rua Olavo Montenegro, na BR 101, sentido Parnamirim/Natal, e na ponte do prolongamento da avenida Prudente de Moraes próximo ao bairro Cidade Satélite.

Nesses pontos, frisou Leonardo Almeida, a situação de assoreamento é crítica porque as obras provocaram o carreamento dos sedimentos para o rio. Segundo Leonardo, o comitê não tem poder executivo. É uma instituição consultiva, cujo objetivo primordial é garantir a vida no rio de forma sustentável, detectando os problemas e alertando o poder público para que sejam tomadas medidas de coibição ou recuperação da área degradada.

O comitê realizou ações de educação ambiental no final de 2014 com o plantio de mudas para recuperação da mata ciliar no bairro Planalto e em Macaíba. No primeiro local, alunos da rede básica de ensino participaram de uma ação que culminou com a retirada de 1,5 toneladas de lixo e plantio de 70 árvores com 2 metros de altura na área de 300 metros, que desde 2012 estava totalmente assoreada, contribuindo para alterar o percurso natural do rio.

A segunda ação promoveu o plantio de mais 50 mudas de mata ciliar e a retirada de uma tonelada de lixo, em parceria com uma empresa que cedeu uma retroscavadeira para cavar o canal original do rio. O assoreamento foi provocado por uma voçoroca, uma erosão de grandes proporções causada pela drenagem irregular na rua São Bráulio, no Planalto, que carrou areia, lixo, entulho, pneus e outros materiais para o rio, interrompendo o curso d'água.

O comitê também atua como agente de sensibilização da população para os graves problemas que afetam o Rio Pitimbu, ressaltou Leonardo Almeida, que é representante da Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo (Semurb) no comitê. As ações de preservação para frear e recuperar as áreas degradadas ficam por conta do Executivo nas áreas estadual e dos municípios.

Em Macaíba, através da Secretaria de Meio Ambiente, também no final do ano passado foi feito o plantio de 700 mudas de plantas ciliares em locais de nascentes do rio.

PITIMBU UM PATRIMÔNIO

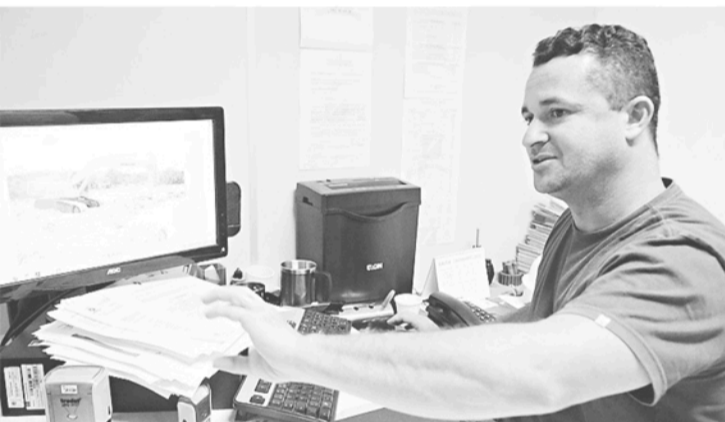


▶ Degradação do Rio Pitimbu é provocada por desmatamento, aterramento, lançamento de efluentes de esgotos e águas servidas

“TEMOS ALGUNS LOCAIS PONTUAIS DE MAIOR IMPACTO QUE SOFRE DEGRADAÇÃO CONSIDERÁVEL. VAMOS VERIFICAR TODOS OS IMPACTOS AMBIENTAIS DO RIO NO TRECHO DE NATAL”

Leonardo Almeida,

Presidente do Comitê da Bacia Hidrográfica do Pitimbu



SEMURB PREPARA UM DIAGNÓSTICO

Leonardo Almeida, supervisor de Fiscalização da Semurb, disse que a pasta vai iniciar este mês um diagnóstico sobre a situação do rio no trecho do Pitimbu em Natal. “Vamos verificar todos os impactos ambientais do rio no trecho de Natal”, ressaltou. Será feito um georreferenciamento para se conhecer a real situação do Pitimbu na capital.

Em Natal, a fiscalização da Semurb vai tentar identificar todos os proprietários de terras e notificá-los para que cumpram as normas concernentes a quem está em uma Área de Proteção Permanente (APP) do Rio Pitimbu, de acordo com a Lei Estadual 8.426 de 2003. Depois de concluído o diagnóstico, ainda neste semestre os proprietários com práticas irregulares

serão autuados com aplicação de multa e determinação de recuperação do dano ambiental cometido. Serão feitas denúncias ao Ministério Público para aplicação das medidas cabíveis.

O presidente do Comitê da Bacia Hidrográfica do Pitimbu ressaltou que a área mais degradada do rio está nos limites do município de Parnamirim, na Região Metropolitana de Natal. Parnamirim é o principal contribuinte de água servida para o rio, frisou. Outro ponto crítico está em Nova Parnamirim, provocado por problemas de drenagem (erosão) que tem resultado no assoreamento no manancial. O trecho de Natal não tem efluentes industriais.

Segundo Leonardo Almeida, a Secretaria de Meio Ambiente de

Parnamirim tem uma equipe envolvida com a questão do Pitimbu, mas falta uma melhor estrutura para atender às demandas que a recuperação dos trechos degradados requer.

Leonardo Almeida evitou usar a palavra abandono. “O rio não está tendo o devido cuidado”, complementou. A responsabilidade sobre o rio, explicou Leonardo Almeida, deve ser compartilhada, como estabelece a Constituição federal. Tanto poder público como a sociedade têm obrigações sobre o rio, e tanto Estado como os municípios de Macaíba, Parnamirim e Natal precisam desenvolver ações preventivas de fiscalização e coibição para evitar a degradação do rio, advertiu o presidente do Comitê da Bacia Hidrográfica do Pitimbu.

PARCERIA COM A GUARDA AMBIENTAL

Nas áreas da ponte férrea do Planalto, sob a ponte do prolongamento da Prudente de Moraes e em Nova Parnamirim é comum as pessoas utilizarem o rio como área de lazer, deixando lixo nas suas margens. Também é comum a lavagem de carros, motos e animais no seu leito.

Para tentar conscientizar e evitar mais degradação, dentro do diagnóstico de Semurb será firmado um convênio com a Guarda Ambiental do Estado até o final do

mês. Uma equipe de fiscalização vai estabelecer rotina de visitas a esses locais, com fiscais da Semurb para conscientizar a população que não se deve deixar lixo no rio.

Um dos sinais do grau de poluição do Rio Pitimbu, principalmente entre os bairros Planalto e Cidade Satélite, é a presença da aninga, uma planta aquática com alto poder de absorção de poluentes. É um bioindicador de poluição e matéria orgânica, frisou Leonardo Almeida.



▶ Nascente do Rio Pitimbu, em Macaíba: pouca poluição



▶ Localidade de Lagoa Seca, em Macaíba: nascente do rio



▶ Margens do Rio Pitimbu em Cidade Verde: cenário de conservação

IGARN MONITORA O CURSO FL

A cada seis meses, o Igar analisa a qualidade da água do Rio Pitimbu. Segundo o diretor do órgão estadual, Josivan Cardoso Moreno, as amostras são coletadas em seis pontos distintos do rio, desde a nascente em Macaíba até a desembocadura na Lagoa do Jiqui, em Parnamirim.

Desde 2008, os técnicos do Igar analisam as amostras do ponto de vista físico-químico e microbiológico, explicou Josivan Cardoso Moreno. As amostras coletadas em Macaíba apresentam alterações não muito significativas relativos aos parâmetros de padrões de qualidade.

Nos pontos de Parnamirim e Natal as análises apresentam um aumento de distorções dos padrões estabelecidos pela legislação. No entanto, ressaltou o diretor do Igar, quando é checada a qualidade na Lagoa do Jiqui, o padrão está dentro do aceitável pela legislação. Ou seja, na captação de água para tratamento e distribuição para consumo humano, não apresenta índices preocupantes de poluição ou contaminação. Na estação da Caern, no Jiqui, a água passa por tratamento antes de chegar às torneiras da população.

Mas não é por isso que não se tem preocupação em melhorar os impactos antrópicos (gerados pela atuação do homem) provocados pelo uso e ocupação de suas margens, a destinação clandestina ou inadequada de resíduos de esgotos, ressaltou Josivan Cardoso Moreno.

O setor de fiscalização do Igar, explicou o diretor, faz a verificação do uso das águas do Pitimbu para saber se está sendo de forma inadequada ou sem a outorga do órgão. Quando se identificam essas situações os técnicos vão ao local e é lavrado o termo de autuação para regularização ou término da irregularidade se for o caso.



▶ Ponte em que o VLT atravessa o rio no bairro do Planalto

U, RIO AMEAÇADO

/ MEIO AMBIENTE / REPÓRTER DO NOVO JORNAL PERCORRE TRECHOS DO RIO QUE ABASTECE 30% DA POPULAÇÃO DA CAPITAL E VERIFICA PONTOS DA DEGRADAÇÃO PROVOCADA PELA AÇÃO DO HOMEM; ÁREA MAIS ATINGIDA ESTÁ NA REGIÃO METROPOLITANA

FOTOS: FRANKE MARCONE / NJ



animais mortos, além de todo tipo de lixo como entulhos, garrafas e latas de bebidas e material plástico

ITORA UVIAL

Toda intervenção em mananciais e recursos hídricos no Estado tem que ser aprovado pelo Igarn. Qualquer pessoa que for perfurar um poço ou retirar água para irrigação ou outro fim, obrigatoriamente tem que se dirigir ao Instituto de Águas para solicitar o uso da água. Através de um pedido de licença, o órgão concede a outorga ou não de acordo com a legislação.

O Igarn é um órgão consultivo e fiscaliza a qualidade da água através dos monitoramentos, mas a verificação do uso e ocupação do solo é feita por órgãos ambientais municipais ou do Estado, através de legislação ambiental, quando se trata de um rio estadual, como é o caso do Pitimbu, explica Josivan Cardoso Moreno.

Quando são encontradas alterações é feito um mapeamento para saber de onde vem a alteração, origem da fonte contaminadora ou poluidora para proceder a comunicação aos órgãos responsáveis nos municípios e Estado.

Esse monitoramento mostra que o rio ainda tem capacidade de depuração, o poder que o corpo de água tem de se recuperar de uma contaminação ou poluição ocasionada pelo que é indevidamente carregado para seu curso. Acontece que a quantidade de contaminação pode ser maior que a capacidade de depuração como em rios como o Tietê, em São Paulo. Não é o caso do Pitimbu, onde há trechos de alta poluição mas que passa por muitas transformações através da diluição feita pela água que vai se somando ao longo de seu curso.

Todos os tipos de poluição e contaminação são condições para alterar a qualidade da água. "Nem tudo que está poluído está contaminada, mas tudo que está contaminado está poluído", advertiu Josivan Cardoso Moreno.



Trecho às margens da BR 101: lixo em quantidade



Área do Rio Pitimbu em Satélite: descaso do homem



Lagoa do Jiqui, onde o Rio Pitimbu desemboca: fonte de abastecimento

Números

35 km

É a extensão do Rio Pitimbu desde sua nascente em Macaíba até a desembocadura na Lagoa do Jiqui, em Parnamirim, compreendendo um trecho de 5 KM pela área que pertence ao município de Natal

41

É a quantidade de pontos de degradação ao longo do Rio Pitimbu, segundo estudo Igarn de 2008, provocados por desmatamento, aterramento, lançamento de efluentes de esgotos e águas servidas, entre outros detritos

CAMINHOS DE UM RIO

O Rio Pitimbu tem várias nascentes ao longo de seus 35 km de curso. Nasce em Macaíba e segue seu caminho de águas por Parnamirim e Natal. Por dois dias o NOVO JORNAL percorreu seu curso fluvial, observando um cenário desolador.

Em Macaíba, onde estão as primeiras nascentes na localidade de Lagoa Seca, próximo ao assentamento Eldorado dos Carajás, há pouca poluição visual, apesar de o cultivo agrícola, o desmatamento e uso de agrotóxicos serem uma ameaça.

Na ponte Lamarão, a cerca de 3 km das nascentes, os rastros do descaso estão por toda parte. Há restos de alimentos, madeira queimada das farras com churrasco nos finais de semana, latas de bebidas, sacos plásticos, garrafas pet. Tudo que não se deve jogar em um manancial que serve para o abastecimento humano e irrigação.

O agricultor Renato Canuto Borges, 32, passava com sua carroça sobre a ponte Lamarão na segunda-feira, por volta das 10h30. "Aqui, antes, era tudo limpinho. Eu tomava banho, mas agora não tomo mais por causa da sujeira", disse ele, apontando para o lixo às margens do Pitimbu. Até a proteção lateral dos dois lados da ponte foi destruída por um caminhão e nunca mais refeita.

Não fosse o lixo, ainda que pouco, o cenário para o rio seria perfeito. Muitos pés de azeitonas, capinzal e mata ciliar no trecho pouco degradada. Há locais que se ouve o barulho da água corrente.

Adiante, em Passagem de Areia, Parnamirim, a ação danosa sobre o rio é mais evidente. Há muito lixo como poltronas, material plástico, garrafas pet e vidro. Tudo que a natureza levará acima de 200 anos para decompor.

No bairro do Planalto, em Natal, na curva da ponte férrea por onde passa o trem, entre na rota da capital e Parnamirim, a poluição é mais gritante. Terça-feira passada havia um cavalo morto, em estado adiantado de putrefação, coberto por um lençol. Próximo a ele, rastros de pneus de carro.

É comum, segundo moradores, pessoas levarem veículos para lavar nessa passagem do Pitimbu. Próximo dali, numa área de 300 metros, o Comitê da Bacia Hidrográfica do Pitimbu retirou no final do ano passado 2,5 toneladas de lixo em uma área que desde 2012 estava assoreada. Foi preciso uma retroescavadeira para abrir uma calha e o rio voltar ao seu curso natural.

Na Rua São Bráulio, a dona de casa Francisca Rafael, 68, mora em frente ao trecho da voçoroca, uma imensa cratera aberta pela drenagem e alvo de uma ação civil da promotora do Meio Ambiente Gilka da Mata. Por causa das últimas chuvas, a voçoroca ficou mais profunda e todo o material carregado pelas chuvas vai para o rio contribuir mais ainda para a sua degradação e assoreamento.

"Quando chove eu não durmo com medo desse buraco chegar até minha casa", disse a se-



Móveis velhos são largados às margens do rio que abastece Natal



Renato Canuto Borges, agricultor: "Aqui, antes, era tudo limpinho"



Francisca Rafael, dona de casa: "Medo do buraco chegar até minha casa"

nhora, que mora a menos de cinco metros da cratera.

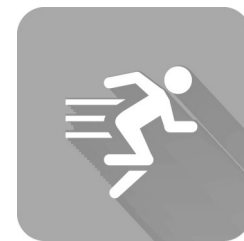
As obras do prolongamento da Prudente de Moraes entre Natal e Parnamirim aumentaram o assoreamento no trecho do rio sob a ponte construída daquela via, segundo o presidente do Comitê da Bacia do Pitimbu, Leonardo Almeida. Sob a ponte, o NOVO JORNAL encontrou mesa de metal, lixo como fraldas descartáveis, garrafas pet, latas de bebida e material plástico e isopor.

Mais adiante, sob a BR 101, onde em 2011 houve deslizamento de terras provocado pelas chuvas e destruição de trecho da via sentida Parnamirim-Natal, a reconstrução da via deixou o lado pior para o rio. Segundo Leonar-

do Almeida, não houve preocupação ambiental porque houve carreamento de material para o rio, aumentando a área assoreada. No local também há muito lixo.

Em Nova Parnamirim, na ponte sobre o Rio Pitimbu, na Rua Pedra Preta, o trecho também exibe sinais de degradação com lixo e assoreamento, antes de chegar à Lagoa do Jiqui, onde a água é tratada e distribuída para abastecimento de 30% da população.

O Rio Pitimbu pertence à classe 2 dos rios, segundo a resolução nº 357 de 17 de março de 2005, que dispõe sobre a balneabilidade que destina águas para abastecimento e consumo humano, após tratamento convencional.



Editor
Luan Xavier

E-mail
luanxavier@novojornal.jor.br

Fones
84 3342.0358 / 3342.0350

VALE MAIS QUE O BOI

/ VAQUEJADA / CIRCUITO PROMOVIDO PELA ASSOCIAÇÃO DE QUARTO DE MILHA DO RN OFERECE R\$ 1,2 MILHÃO EM PRÊMIOS E PASSA A SER O EVENTO ESPORTIVO QUE MELHOR PAGA NO ESTADO; FUTEBOL SEQUER CHEGA PERTO

TIAGO MENEZES
DO NOVO JORNAL

MULHERES BONITAS NA arquibancada, "atletas" de alto nível voando na pista e uma premiação milionária para os grandes campeões. Com essas características, não seria de estranhar se viessem à sua mente esportes como Fórmula 1, atletismo ou mesmo o futebol – desconsiderando a parte da pista, é claro. Mas o assunto em questão hoje é a vaquejada, modalidade genuinamente nordestina e que, ano após ano, cresce em popularidade e movimenta cifras cada vez mais elevadas na região.

Somente o circuito promovido pela Associação Norte-rio-grandense de Criadores de Cavalos Quarto de Milha (ANQM), que teve início em fevereiro passado, distribuirá este ano mais de R\$ 1,2 milhão durante as suas sete etapas. Montante que representa a maior premiação de um evento esportivo no estado em toda a temporada. Sem qualquer chance de concorrência para o futebol ou para o pôquer, por exemplo.

Para se ter uma ideia do que isso significa, em 2014 o América não chegou a receber R\$ 100 mil da Federação Norte-rio-grandense de Futebol (FNF) pela conquista do título estadual. Mesmo com uma folha salarial girando em torno de R\$ 300 mil e cerca de 30 jogadores integrando o elenco.

Todo esse sucesso da vaquejada, acreditam os envolvidos, está diretamente ligado a uma profissionalização e organização cada vez maior da modalidade. Bem como o fortalecimento das categorias amadoras nas competições, o que possibilita um crescimento constante no número de participantes.

"No nosso circuito só correm animais cadastrados junto à Associação Brasileira de Criadores de Cavalos Quarto de Milha (ABQM). E isso valoriza muito a disputa", comenta Fernando Nunes, presidente da ANQM.

"Hoje em dia nós temos regras homogêneas em todo o país. O esporte é regulamentado no âmbito nacional. Além disso, também existe uma grande preocupação com o bem estar do animal, o que

é muito positivo. Então posso afirmar, sem qualquer dúvida, que a vaquejada só cresce. Sobre tudo no Rio Grande do Norte", falou Leonardo Dias, diretor jurídico da Associação Brasileira de Vaquejada (ABVAQ).

Se tomarmos por base o retrospecto recente de vaqueiros e equinos potiguares, de fato, não há como negar o excelente desempenho. São daqui alguns dos melhores profissionais do Brasil, o melhor criador do país e o atleta que lidera o ranking nacional de amadores há pelo menos uma década.

Dinarte Dantas Filho, inclusive, foi em 2014 o segundo colocado do chamado "Brasileirão das Vaquejadas", que reúne vaqueiros e cavalos de diversas categorias e raças. E, apesar disso, revela não treinar mais que uma vez por semana no seu rancho e haras na cidade de Ceará-Mirim.

"Quem realmente precisa manter a forma e estar sempre praticando é o animal. Por isso eu mantenho o meu cavalo sob os cuidados de um tratador e, diariamente, o responsável se encarrega de correr com ele", contou Dantas.

"Os vaqueiros profissionais são ainda mais seletivos. São prestadores de serviço mesmo. Montam para terceiros, cumprem um calendário anual de provas e apenas competem. Não têm tempo de 'passar cavalo' (assim é chamado o treinamento da vaquejada). Quando termina uma prova, já seguem para a próxima", explica Fernando Nunes.

É o caso dos famosos Suerivan Oliveira, Alex Araújo e João de Góes, vaqueiros potiguares que estão entre os mais premiados do Brasil.

Com Dinarte a situação é diferente. Proprietário de uma rede de postos de combustíveis, o empresário de 37 anos encara a vaquejada como um hobby, algo que o ajuda a relaxar depois de uma semana inteira de muito trabalho.

"Também gosto muito de futebol e vôlei. Mas como a vaquejada, não tem igual. A lida com o animal e o convívio com o ambiente do campo são maravilhosos. Tanto que também me tornei criador há cerca de cinco anos", declarou.



▶ Enquanto o América F.C. ganhou menos R\$ 100 mil pelo título estadual de 2014, só em uma etapa (a de Monte Alegre), foram distribuídos R\$ 300 mil



▶ Leonardo Dias enfatiza a economia e a questão cultural da vaquejada



▶ Nunes ressalta a preocupação com o bem estar do animal

SÓ O CAVALO CUSTA PELO MENOS R\$ 30 MIL

Como quase tudo nessa vida, a vaquejada também tem lá os seus custos. E não são poucos. Aquele que deseja iniciar em breve no esporte, por exemplo, terá que desembolsar pelo menos R\$ 30 mil por um bom cavalo. E o valor pode chegar a R\$ 500 mil, dependendo da raça, sexo, idade, linhagem a que pertence o equino, e até do seu "currículo" como atleta.

O animal montado atualmente por Dinarte Dantas Filho, Simpatia Rojo Jr, por exemplo, custou em 2013 exatos R\$ 100 mil ao empresário. Mas depois de varrer boa parte das provas que disputou nos últimos dois anos, estima-se que o valor de mercado do garanhão já ultrapasse a casa dos R\$ 350 mil.

"Me ofereceram essa quantia por ele recentemente. Mas eu re-

cusei. Pretendo lucrar com a venda dos seus filhotes, que já estão para nascer. Cada um valerá, no mínimo, R\$ 25 mil", planeja Dantas.

Todos os meses Simpatia ainda gera uma despesa ao seu dono de aproximadamente um salário mínimo. Somente com alimentação, remédios e produtos de higiene. Sem falar nos gastos com o pessoal que cuida do bicho e outros gastos eventuais.

"Para ele, tem que ser tudo do bom e do melhor. O cavalo representa 70% do conjunto (animal e equipamento) em uma vaquejada. O investimento se faz necessário e é totalmente válido, pois o animal precisa estar 'tinindo' no dia da competição", explicou Dinarte.

Além disso, para participar dos grandes eventos de vaquejada

ainda é preciso pagar entre R\$ 500 e R\$ 1.000 por cada senha da disputa. Uma senha dá ao vaqueiro o direito de correr, em média, três bois durante a fase classificatória. Nada que preocupe os amantes deste esporte tão característico do Nordeste brasileiro. "No caso dos amadores, as senhas são mais baratas e eles próprios arcam com os custos. Já entre os profissionais, os valores são mais altos e os patrões dos vaqueiros pagam todas as despesas", detalhou Fernando Nunes.

"A vaquejada é um esporte perfeitamente viável. Movimento a economia local e gera muito emprego e renda para o homem do campo. Isso sem falar em toda a questão cultural, que é ainda mais importante. É muito bacana mesmo", finalizou Leonardo Dias.



▶ Primórdios da vaquejada, em Currais Novos, já atraía muitos curiosos

PAIXÃO DE FAMÍLIA

Sobrinho do popular Zeca Marinho, que apesar dos 72 anos ainda corre em vaquejadas – categoria sênior – Dinarte Dantas iniciou sua relação com o esporte na adolescência, quando costumava passar férias na antiga fazenda do tio, no município de Angicos, região Central do RN.

Hoje ele possui o seu próprio rancho e haras, batizado de Confiança, na Grande Natal, e não consegue mais se imaginar vivendo sem a prática da modalidade.

"A vaquejada é a minha vida, é praticamente tudo pra mim. Não existe coisa melhor para aliviar o estresse do dia a dia", resumiu.



▶ Dinarte Dantas, segundo colocado no "Brasileirão" de 2014

HISTÓRIA COMEÇOU NO INTERIOR DO RN

Antigamente, quando não havia cercas no sertão nordestino, os animais eram marcados e soltos na mata pelos criadores. Somente tempos depois os fazendeiros convocavam os seus vaqueiros para reunir o gado. Eram as chamadas "pegas de boi", que tiveram início aqui mesmo no Rio Grande do Norte, na virada dos séculos XVIII para XIX.

Montados em cavalos e vestidos com roupas de couro, os homens se embrenhavam mata adentro em busca dos animais, fazendo verdadeiros malabarismos para escapar do perigo de espinhos e galhos secos do semiárido potiguar. Nessa luta, alguns desses homens se destacavam pela valentia e habilidade. E foi daí que surgiu a ideia da realização de disputas.

O RN, então, é novamente apontado como pioneiro. E a cidade de Currais Novos, na região Seridó, onde a tradição é mantida até hoje, é o berço de toda essa história. Segundo registros de Luís da Câmara Cascudo, por volta de 1810 ainda não existia a vaqueja-

da como conhecemos atualmente. Mas já se tinha conhecimento de uma atividade parecida. Era a "derrubada de vara de ferro", praticada em Portugal e na Espanha, onde o peão utilizava uma vara para dominar o boi.

A vaquejada tradicional, onde se derruba o boi pelo rabo, porém, é genuinamente nordestina. Conta-se que em Currais Novos era praticamente impossível o uso da vara, devido ao terreno acidentado e à mata muito fechada. E, por essa razão, os seridoenses teriam sido os primeiros vaqueiros de fato.

Uma indicação para isso era a existência dos chamados "currais de apartação de bois", que acabaram por dar nome ao município de Currais Novos. Esses currais já existiam em meados do século XVIII. E entre as décadas de 1760 e 1790 aconteciam na cidade as tradicionais apartações e feiras de gado.

Atualmente a vaquejada é encarada como um grande negócio. Os organizadores cobram ingressos, como em qualquer outro evento esportivo, e o público não mede esforços para se fazer presente. O vaqueiro, por sua vez, é reconhecido como um atleta. E os eventos, como um todo, cada vez mais ganham ares de superproduções.

Conhecendo a vaquejada

Vaqueiro-puxador: competidor responsável por entrelaçar o rabo do boi entre as mãos e derrubá-lo na faixa.

Vaqueiro-esteireiro: competidor responsável direcionar o boi e conduzi-lo até o local da faixa, emparelhando-o com o puxador, além de entregar o rabo do boi ao companheiro.

Faixa: linhas paralelas, com distância de 9 metros entre uma e outra, onde o boi deve ser derrubado.

Valeu o boi: expressão que caracteriza o êxito do competidor.

Zero: expressão que caracteriza a ausência de êxito do competidor.

Parque: arena onde acontece a vaquejada.

Brete: local onde ficam os bovinos antes de correr.

10º Circuito ANQM de Vaquejada

2ª etapa

De 30/04 a 03/05 no Parque São José, em Macaíba

3ª etapa

De 7 a 10/05 no Parque Lourival Pereira, em Ceará-Mirim

4ª etapa

De 11 a 14/06 no Parque Polion Torres Jr., em Caicó

5ª etapa

De 9 a 12/07 no Parque Silvío Bezerra de Melo, em Currais Novos

6ª etapa

De 27 a 30/08 no Parque Diógenes da Cunha Lima, em Nova Cruz

7ª etapa

De 24 a 27/09 no Parque Otaviano Pessoa, em Macaíba

Jota Oliveira



jotaoliveira@novojornal.jor.br

Sabor de Dez!

Para quem adora saborear uma costela no domingo ou em qualquer outro dia da semana, a sessão Sabor de Dez de hoje traz uma dica da talentosa médica Glenda Rocha, que escolheu a deliciosa receita de "Costelinha de porco com geleia em crosta de castanha de caju".

A receita precisa de uma costela de porco, 1/4 xícara (chá) de castanha de caju, quatro colheres (sopa) de geleia de laranja, uma xícara (chá) de vinho branco, duas cebolas, três maçãs, sete dentes de alho, cinco ramos de alecrim, sal e pimenta do reino a gosto.

Comece pré-aquecendo o forno a 220°, retire o excesso de gordura da costelinha de porco, coloque numa assadeira e tempere com sal e pimenta do reino. Em um pilão coloque um "dente" de alho e 1/2 colher de chá de sal, bata até formar uma pasta. Em seguida, junte a geleia de laranja e misture bem e espalhe sobre a costela. Bata a castanha de caju no pilão



► Glenda Rocha

até virar uma farinha grossa e salpique sobre a costela. Faça uma "cama" com um ramo grande de alecrim, colocando-o embaixo da costela. Leve os dentes de alho à assadeira no forno pré-aquecido para assar por 20 minutos. Enquanto isso descasque os dentes de alho



► Foto prato Sabor de Dez!

e a cebola. Corte a cebola e a maçã em quatro partes. Retire a assadeira do forno, reduza a temperatura para 160 graus (baixa) e coloque a costelinha e em volta dela as cebolas, alhos, maçãs, o restante do alecrim e o vinho. Cubra a assadeira com papel alumínio e volte ao forno por mais 1h30 minutos ou 2h, se preferir a carne mais assada. Na hora de servir corte a costelinha em ripas e sirva com a cebola, a maçã, os dentes de alhos e o alecrim. Bon appétit!

Carpe Diem

66

Tudo em sua vida é regido pela lei da atração. Tudo em sua vida é você que está atraindo. E tudo é atraído para você pelas imagens na sua mente, pelo que você pensa. O que quer que passe pela sua mente, você atrai para si. E você acha que tudo é por acaso? Não é! Você está sendo apresentada ao Segredo. E o modo mais simples de visualizar a lei da atração é se imaginar como um ímã. E você sabe que um ímã exerce atração. Resumindo, a lei da atração diz que os semelhantes se atraem. Mas estou falando de pensamento. Nossa tarefa é reter os pensamentos daquilo que queremos, deixamos bem claro o que queremos em nossa mente. A partir daí, invocamos uma das maiores forças do universo: a lei da atração. Você se torna aquilo em que pensa, mas também atrai aquilo em que mais pensa. Se enxergar na mente, conseguirá segurar com as mãos. Esse princípio pode ser resumido em três simples palavras: "pensamentos tornam-se coisas."



► O aniversariante Mucio Sá divide felicidades com a musa Aladanisa e a amiga Gorete Tito



► Em recente evento social, a simpatia de Tereza e Fernando Paiva



► Os Vivas desta segunda-feira (06) vão para Flávia Guedes

PARA BENS

Hoje é dia de se cumprimentar e abraçar os aniversariantes: em Sampa o jurista Jacintho Dias Arruda Câmara, Múcio Gurgel Sá, Carmem Júlia Carvalho, Sérgio Freire, Dilvo Torres, Marconi Grevi, Soraia de Oliveira Fernandes e Marcos Vinícius Gurgel. Nesta segunda vivas antecipados duplos para a juíza Sandra Elali e a filha cantante show, Marina Elali, no RJ, Gilza Veloso, Flávia Augusta Guedes, Karla C. Magalhães Alves, Valéria Gurgel e Arquiteto Leonardo Augusto.

- Comemora-se hoje a Páscoa.
- Comemora-se hoje a Páscoa. Páscoa.
- Amanhã Dia Internacional do Esporte para o desenvolvimento e pela paz



► Em noite de chuva de arroz no Chaplin Recepções Eduardo Gadelha/Silvana

EXPOSIÇÃO

Projeto de Construção de Brasília, Aterro do Flamengo e o Museu de Arte de São Paulo estão em exposição no Museu de Arte Moderna, em Nova York, até o dia 19 de julho. A exposição explora a arquitetura de países da América Latina. - Ai, que tudo!

MEMÓRIA

Parece que finalmente estão se resolvendo... O empresário da banda Queen, Jim Beach, afirmou, em entrevista a um jornal britânico, que fechou acordo com o ator e comediante, Sacha Baron Cohen, para escrever, dirigir, produzir e atuar na cinebiografia de Freddie Mercury. Em 2013, Cohen abandonou o projeto por diferenças criativas. - É espera pra ver!



► Abraços e vivas de felicidades antecipados para as aniversariantes Marina e Sandra Elali

EM SAMPA

Próxima quinta (09), às 20h, Matheus Bulhões recebe convidados para Vernissage da sua galeria MCM Gallery na Alameda Tietê-Jardins. Entre os artistas que estarão com trabalhos expostos Arateles e Sérgio Azol. Este colunista já confirmou presença.

SALÃO

De 16 a 19 de abril a Arena das Dunas vai receber a edição 2015 do Salão Imobiliário do Rio Grande do Norte. O evento vai reunir mais de 150 expositores do mercado imobiliário potiguar.

PROGRAMA

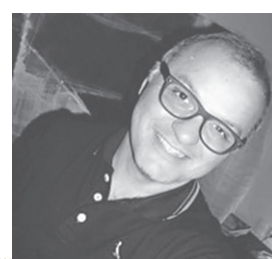
Neste domingo o Teatro Alberto Maranhão recebe os palhaços Bisteca e Bohecinha com o espetáculo "100% alegria". Leia mais no JotaOliveira.com.br.



► Gutinho Tinoco e Otávio Garcia se divertem observando as cenas da ocasião



► Em tempo de verão, Guto Rodrigues/Cristiane Queiroz, Roninho Dantas, Thaisa Barros e Wanda Fernandes



Editor
Augusto Bezerril

E-mail
augustobezerril@novojornal.jor.br

Fones
84 3342.0358 / 3342.0350

+ moda e estilo por Augusto Bezerril

VERÃO NO CROQUI

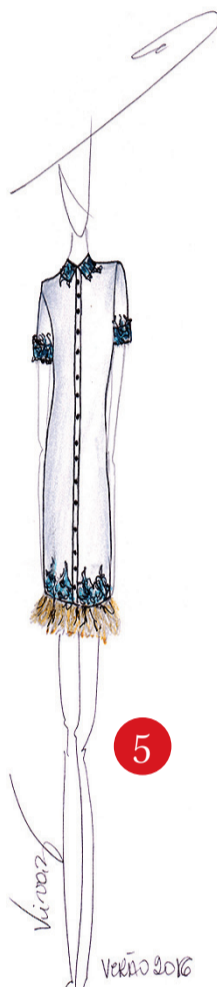
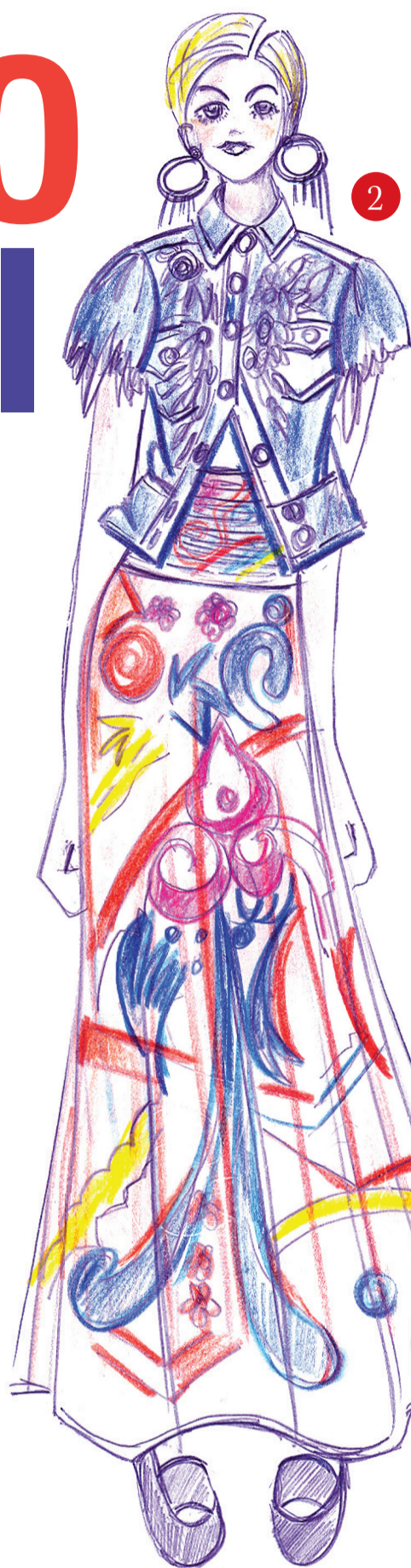
MABEL MAGALHÃES
Glam Apparel



O Minas Trend começa, nesta segunda, com tradicional festa e desfile de abertura no Expominas. Lifestyle resgata a técnica do croqui, clássico desenho livre da roupa, como forma de preview do verão 2016. A cintura marcada e o estilo anos 50 são visíveis na coleção da Madreperola. A Faven traça a nova estação a partir da assimetria e do efeito do rayon e lurex em tons de laranja, vermelho e cobre. A inspiração é Jhoni Mitchell. A moda de rua, numa curvatura para o boho chic (leia-se anos 70), nasce como linha inicial do verão da Civil Jeans. A festiva coleção da Vivaz introduz a jabuticaba - a pérola negra brasileira - e o quadro Lavrador de Café de Cândido Portinari nas tramas da luxuria da roupa de festa. A Cosh toma como ilustração uma final de tarde festivo de um resort para vestidos, cravejados de pedrarias e beneficiados por bordados e rendas. O Oriente é inspiração de Patrícia Bonaldi.

IMAGENS

- ▶ 1. Madreperola
- ▶ 2. Civil
- ▶ 3. Cosh
- ▶ 4. Faven
- ▶ 5. Vivaz
- ▶ 6. Patrícia Bonaldi

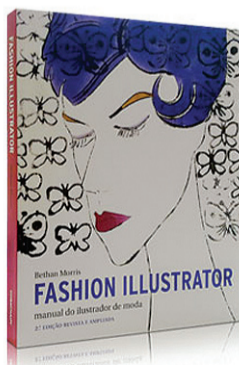


ESTAMPA ASTRAL

Energia universal em torno dos lançamentos com o grifo Emilio Pucci. Enquanto as fashionistas aguardam coleção inspirada nos signos, o mundo da decoração confere a reedição da Madame (ou Mademoiselle) Emilio Pucci para Kartell no Salone Del Mobile, em Milão. Rafael Monte avisa que a novidade deve chegar, em Natal, na Artkasa.

CELEBRE SEMPRE!

A Versace lança o DV25 para comemorar os 25 anos de criação de Donatella Versace na relojoaria de luxo.



JADORO!

Fashion Illustrator - Manual do Ilustrador de Moda - é dica de Lifestyle. Escrito por Bethan Morris, o livro tem excelente edição, em português, da Cosac Naify.



É O MÁXIMO!

Todas amam cabelos longos, loiros, lindos e fortes no verão. Anninha Mello tem a dica: a linha Extreme Length da Redken. A novidade são os novos Primer e Sealer. Provado e aprovado. Como bem diz Anninha: "Super".



PURA BELEZA

Seguindo estudo sobre os diferentes tipos de peles das brasileiras, a Bel Col criou linha Regenic, composta por hidratantes com foco na preservação genética.

FASHION WEEK

▶ A Le Lis Blanc chega ao Plano Palumbo. A grife passa a integrar o mix da Incatcare, multimarca localizada em Petrópolis. O inverno Le Lis flerta com os anos 70 e 60.

▶ Clima de páscoa bom entre fashionistas. Na Posologie, Manuela Abreu recebeu com bolos vem ao estilo "bolo da vovó". Ígia Siminéria, claro, era toda feliz com a confraternização. Ovos da Páscoa adornaram vitrine e criam clima doce na Dermage no Natal Shopping.

▶ Não é mentira. Sandra Boff garante que as lojas Myosotis nasceu exatamente no dia 01 de abril. O fashionismo, de verdade, diz: parabéns!